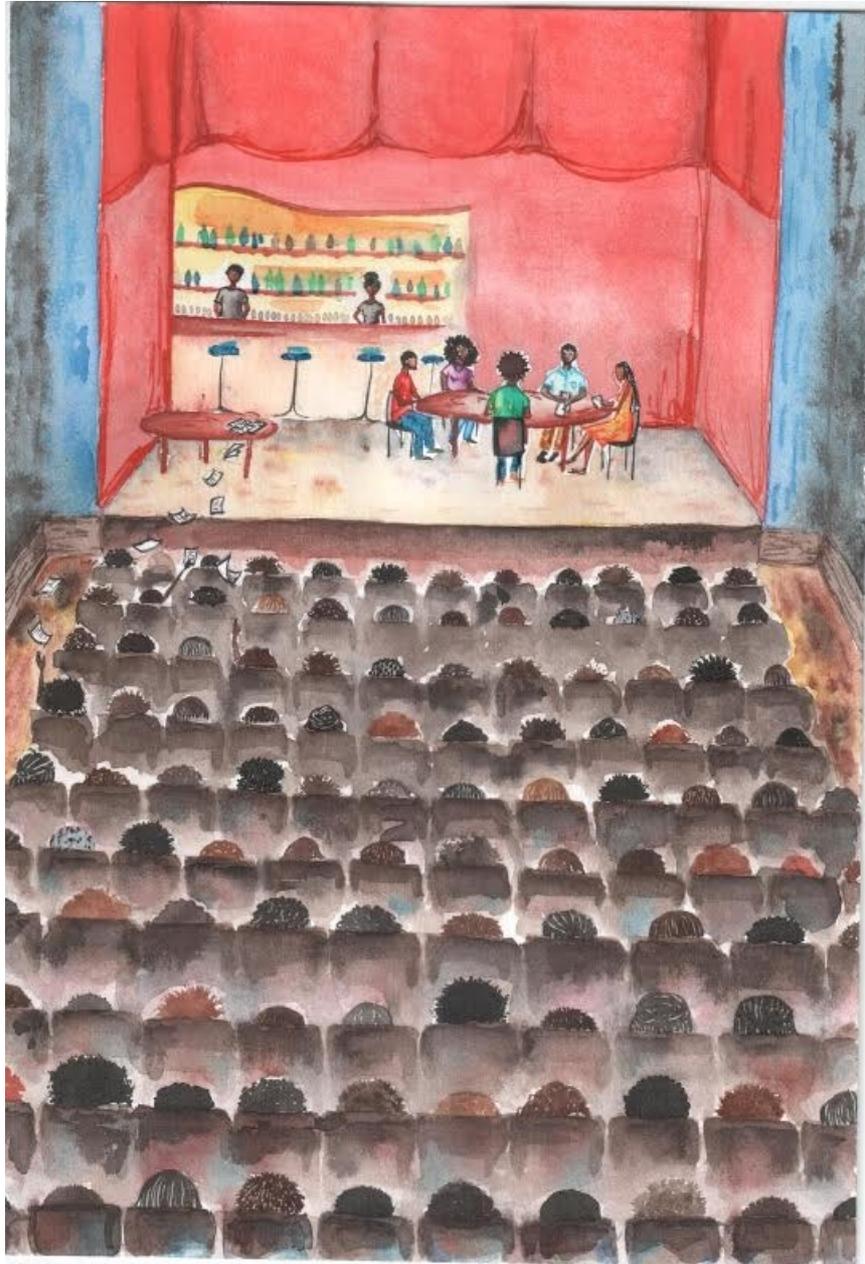


Papéis Inesperados



Moshin Jamu Sidi

Luciano Bedin

Nota do Autor: Este trabalho é realizado com o objetivo de concluir a graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem como seu autor o aluno Moshin Jamú Sidi orientado pelo professor Luciano Bedin da Costa de departamento de Estudos Básicos da FACED-UFRGS, sendo avaliado pela banca composta pela Professora Paula Araújo do departamento de Zoologia-UFRGS e pelo mestre em Ecologia Cláudio Reis , atualmente aluno de doutorado em Filosofia na UFRGS.

As artes da capa e contra capa foram desenhadas pela Rafaella Migliavacca Marchioretto e a ela estendo um profundo agradecimento pela beleza das mesmas.

Agradecimentos

Este trabalho é fruto de uma conclusão de 5 anos de estudo e formação minha como pessoa, biólogo e professor. Então os agradecimentos que aqui se seguem se referem a todo mundo que me ajudou de alguma forma nesta maratona da graduação incluindo neste trabalho.

Primeiro agradeço a minha família, especialmente Pai (Abdul Magide), Mãe (Assemá), Irmã (Nadira) e Irmão (Assane) por terem sempre tido fé em mim mesmo eu não sendo uma pessoa de fé e sempre me amado sem condições. Por todo apoio dado em todas situações e dificuldades.

A Nadira dedico um dos meus versos preferidos:

Sorry, I'm just scared of the future

Till 3005, I got your back, we can do this, Hold Up

(Donald Glover, 2013)

Agradeço também ao meu orientador Luciano Bedin, por ter em muito sentidos iniciado a minha caminhada literária, me permitindo na sua cadeira me expressar em poemas e textos, por ter me apoiado em todas ideias loucas e não convencionais que tive, por nunca ter duvidado da minha capacidade de escrever um trabalho inteiro em forma de romance e por ser um orientador preocupado comigo. Luciano, te agradeço todo o esforço e ajuda nessa loucura de vida que tenho que lidar.

A Raquel e ao Ítalo estendo um agradecimento especial pela revisão em tempo recorde do português de forma a reduzir ao máximo a diferença entre o português moçambicano e o brasileiro.

Aos membros da banca (Paula e Cláudio) por terem me apoiado e aceitado esse desafio junto comigo. Vossa compreensão em aceitar todas ideias que trouxe foi essencial para liberar toda minha criatividade neste livro.

Agradeço a todas pessoas que ao longo dessa vida me presentearam com a sua amizade:

A Nathalia Paim, pelo amor, pelas noites de conversa, pela ajuda, pelo apoio incondicional, por acreditares sempre em mim, por ter estado por mais de um ano comigo

e aguentado todos problemas que eu crio, pela relação saudável e por termos crescido tanto juntos. Por seres uma pessoa incrível e compreensiva. Sempre te terei no meu coração.

Ao meu Ka-Tet (Nuno, Dipesh, Idácio, Abdel, Dario, Ivan, Suneid e Eder), por todas conversas, piadas, por terem me ajudado sempre que duvidei de mim mesmo e da minha capacidade de viver sozinho noutro país, pelas dicas de músicas, filmes e séries, pelos Brianis que nunca comemos, pelos encontros que vocês me cobram até hoje, por serem o melhor grupo de amigos que alguém poderia pedir estando tão longe mas vocês estão tão perto quanto meu coração.

A Tahila, por ser uma amiga espetacular, por todo amor, ajuda, conversas profundas sobre sociologia, filosofia e amor. Por toda ajuda, por nunca ter medo de apontar meus erros, por ter sempre um tempo para as minhas crises e por sempre ler meus textos, projetos e trabalhos com carinho e atenção sempre me mostrando a visão de fora da biologia que eu precisava para entender os efeitos das minhas ações. Te admiro imensamente

A Raquel Carrilho, minha prima por afinidade e coração, por ter-me ajudado quando cheguei a Porto Alegre, por ter me ensinado a viver numa cidade diferente e pelas conversas sobre casa, sobre nossos cursos, amizades e vidas. Sinto tua falta aqui.

A Cássia, pelas viagens, conversas, pela risada que sempre anima os dias frios.

Ao Eduardo, por ter sido a primeira pessoa a me receber na biologia, por conversar comigo desde os primeiros dias, por me falar do Brasil, por ser nerd, por compartilhar o amor por Boondocks, pela amizade que não flutua com nenhuma discussão política ou pessoal, por ter me ajudado a crescer como pessoa e por sempre acreditar que a nossa luta ambiental não está perdida.

A Glaucia, pelo crescimento em conjunto, pelas conversas, pelo apoio emocional, pelas trilhas, risadas, saídas para comer, pela amizade eterna, pela paixão conjunta por mudar o mundo através da educação.

Ao Ítalo, por ser um louco, divertido, por ser uma presença estável, pelas viagens, pelas trilhas, pela energia em fazer coisas divertidas, pelas abelhas ou eram vespas?

Ao Guga, pela ajuda emocional, por ser um amigo que me apontava os problemas das minhas ações, pela paixão por ação política a todos momentos e todos níveis. Guga, és demais.

A Fernanda, Cristina, Luana e Louise, pelas conversas, saídas, diversões, piadas, estudos e tanto mais.

A Alice, por ser a melhor colega de laboratório que se pode ter, pelas conversas e principalmente, por ter uma crença muito maior em mim do que qualquer outra pessoa.

Ao Vítor Mateus, pelas conversas incrivelmente longas, pelas piadas, pelos memes, pelas viagens, pelas ideias, por todo amor e amizade, por ser um amigo espetacular.

A Carol Alff, pelas conversas longas também, pelas piadas difíceis de entender, pelo apoio emocional, por sempre estar do meu lado com um conselho e um ombro amigo.

As Rafaellas, pelo apoio emocional, pela inspiração, pelos desenhos lindos e pelas conversas profundas e por sempre me ouvirem com paciência de santas.

A Nathália Bettoni, por me provar que não precisa de muito tempo para se construir uma amizade linda e eterna, pelo apoio emocional, pelas conversas profundamente interessantes, pela empatia e principalmente pela paixão em comum pela natureza.

A Daiana pela parceria, no estágio, nas ideias, na vida e pela paciência de santa com todos meus dramas.

A Raquel, pela ajuda em entender tudo, pelas conversas sobre o mundo, pela risada e pelo bom humor permanente que salvam qualquer situação.

A Erika, pelas conversas, pelo basquete, pelo ouvido amigo, pela preocupação comigo e por ser uma amiga excepcional em todos momentos

Ao Pedro, por ser um amigo que se preocupa, por ter um coração sempre com espaço para mais um e por ser um galã feio assumido.

Ao Matteus, pelas conversas sobre marxismo, sobre ação política e sobre todo e qualquer assunto, por muitas vezes me dar uma perspectiva nova e necessária ao meu pensamento.

A Jéssica Alvarenga, pelas conversas, alcunhas (ou apelidos), risadas, por tentar entender eu falando com a minha irmã e por no geral ser uma pessoa infinitamente disposta a ajudar.

A Cibele, por ser a amiga que acredita em mim e celebra mais todas minhas conquistas, por ser a pessoa que muitas vezes me faz sentir que tenho um caminho positivo pela frente.

Ao Murilo, Matheus, Vinni e Daniel, pelas nerdices, conversas longas sobre todo tipo de assuntos imagináveis, pelas noites jogando RPG, por todo apoio e amizade em 5 anos.

Ao Marco, pela música, pelas conversas sobre Moçambique, pelo interesse eterno

em aprender mais sobre a minha cultura e por sempre trata-la com respeito. Por ser um lutador.

Ao Andreas, pela parceria em sala de aula, pela confiança, pelas ideias geniais e loucas, por aceitar minhas ideias loucas e possivelmente geniais, por acreditar em mim e pela compreensão.

Ao Fritz, pela orientação para a vida, por fazer de mim um cientista de verdade, por me tolerar e ajudar, por ser um amigo e principalmente por me dar ideias suficientes para encher duas vidas. E por salvar a minha vida, metaforicamente, mil vezes.

Por fim, A Eunice, por ser a melhor primeira professora que um aluno num mundo totalmente novo poderia pedir, por ouvir e recomendar e principalmente, por ser uma pessoa de primeira classe.

Peço desculpas se me esqueci de alguém ou se não mencionei todos, mas saibam que estão todos no meu coração e a ausência de menção se dá muito mais porque não consigo emocionalmente escrever tanta coisa em tão pouco tempo.

Agradeço também a diversos grupos dos quais participei, por todo crescimento que me proporcionaram e por toda diversão possível que me deram:

Ao pessoal do LECOPAI, pelas conversas, artigos, apresentações, momentos lindos compartilhados com vocês, aprendizados únicos e por serem um grupo de pessoas excepcionais, com menção especial para a Bruna e a Giovanna pelas conversas longas e sem rumo mas que me ensinaram muito.

Ao pessoal do LECHUPE, por me acolher sempre que precisava de um abrigo para pensar, dialogar e construir as ideias desse TCC, principalmente a Daiana por nunca me fazer perder a perspectiva.

Ao MUDABIO, por anos de construção, por anos de luta em conjunto, por toda força que me deram, pela Semana Acadêmica da Biologia, se ela existe hoje é por nossa causa, a Pri por ser uma lutadora de primeira que sempre priorizará quem precisa mais dela, ao Camana por ser um filósofo sem medo de quebrar barreiras e aprender onde mais ninguém quer aprender, ao Heitor pela criatividade e astúcia, por me fazer rir em momentos inesperados e por assumir todas brigas possíveis e a todos que vieram e estão por vir nessa luta eterna de mudar a forma como aprendemos na universidade.

Por fim, o mais importante, agradeço a todas minhas professoras e professores nessa caminhada longa que fiz por 3 países e muitas escolas, começando pelo meu primeiro

professor, meu pai até ao meu orientador Luciano, vocês me formam e este livro é a minha ode a vossa luta eterna.

Dedicado ao Antônio dos Santos Júnior
Sinto a falta da tua amizade e da tua negritude todos dias.

It's the golden rule
A-B-C Always be cool
They need to teach it at every school It's the
A-B-Y Always be you
Yasiin Bey, 2006

Deveríamos ter sido poetas
Alguns entre amadores
E mestres de pentâmetros iâmbicos.
Wasalu Mohammed Jaco (Lupe Fiasco), 2015
Traduzido livremente do inglês.

Índice

Agradecimentos	Pag. 2
Índice	Pag. 8
Prólogo	Pag. 9
Os Revolucionários	Pag. 11
O Revoltado	Pag. 30
A Planejadora	Pag. 44
A Juventude	Pag. 54
<i>Ego mortem</i>	Pag. 63
Epílogo	Pag. 65
Bibliografia	Pag. 66
Anexos	Pag. 67

Prólogo

Cara leitora ou leitor,

Este não é um romance, nem é um TCC, é um híbrido.

Ele foi construído com base em algumas ideias que gostaria que você soubesse antes de ler. Agora te conto minha história, em relação ao tema que aqui te apresento:

Vim de Moçambique em 2012 para cursar licenciatura em biologia. Hoje, já no finalzinho de 2016, termino o meu TCC e não quero que ele fique perdido no Lume da UFRGS (o sistema digital onde ficam todos esses trabalhos da universidade). Não porque valorizo mais o meu trabalho em relação a outros, mas porque acho importante que muita gente leia o que vou contar e veja que a academia não se limita a textos difíceis de compreender e ler.

Sobre mim, sou uma pessoa que gosta de falar sobre movimentos sociais e mobilização, me declaro como alguém de esquerda e isso influencia a minha visão e o que apresento nesse livro.

Ele se divide em 5 capítulos e um epílogo. Para quem é acadêmico, o primeiro capítulo na verdade é uma introdução com elementos de discussão. Os 3 capítulos do meio são os resultados e o 5º capítulo é uma conclusão com alguns dos elementos da discussão.

O livro se passa em dois locais e dois tempos, o 1º e o 5º capítulo se passam num futuro próximo e em Moçambique, onde num esforço para criar um sindicato de docentes moçambicanos e aproveitando uns papéis misteriosos que foram encontrados por um aluno, 5 pessoas se encontram para estudar a situação. Uma dessas pessoas é o narrador, que assume um papel mais passivo, e as outras 4 pessoas são figuras históricas do movimento pan-africano que escolhi pela minha afinidade com elas.

Do 2º ao 4º capítulo, a história se passa no Brasil em 2015, e as narrações são feitas pelos professores que entrevistei. Foram 4 entrevistas mas escolhi apenas 3 por uma questão de tempo. Basicamente foi essa a metodologia: entrevista, pesquisa bibliográfica e escrita, durante a escrita escolhi por inserir a minha bibliografia nas falas dos meus personagens de forma diluída e muitas vezes já comentada, as referências se resumem a número no texto..

Digo aqui, a escrita literária exige muito do aluno para a formação de uma história literária, didática e que seja científica, ao mesmo tempo sem fazer os personagens parecerem perfeitos. Então peço que considere, caro leitor, que alguns erros podem ser propositais e que algumas gírias explicitamente moçambicanas estarão presentes na fala. E a gente fala numa cadência e construção verbal diferente, isto causa uma construção de texto e narrativa que muitas vezes não irá lhe parecer correta ou acadêmica, porém muito disso vem de uma forma diferente de escrever e falar as coisas e outras coisas vem de erros tanto propositais quanto acidentais.

Espero que este livro seja do seu agrado, caro leitor, pois ele foi construído com esforço e amor, e vem do meu mais profundo respeito por todos professores que tive e que conheci na minha caminhada. Quis mostrar pelo menos uma parte do que eles passaram e passam e aguçar a sua curiosidade. Não é um livro perfeito que conta tudo que deveria. Nem eu quero que seja. Quero apenas que seja do seu agrado e que, mesmo não concordando com a minha visão, entenda que ela é apenas a minha visão, e discordar dela pelo menos inicia esse debate sobre porquê se faz greve, porquê ser grevista e qual o histórico desse tipo de ação. Agradeço sua atenção e desejo-lhe boa leitura.

Nos vemos de novo no epílogo.

Capítulo 1 – Os revolucionários

Cidade de Maputo, Moçambique, Janeiro de 2020, Restaurante Piri-Piri – 4 horas da tarde

Começamos nossa história com 5 amigos entrando no restaurante Piri-Piri, saudoso restaurante presente desde o tempo colonial na cidade de Maputo, antiga Lourenço Marques. Apesar dos prédios e do Polana Shopping bem na frente, ainda se sente a brisa marinha vinda da Baía de Maputo lá embaixo, ali perto se encontra o miradouro (o mirante onde se tem a melhor vista da baía de Maputo na cidade e não a Bottle Store). Chegaram aos pingos e agora estão todos. Samora diz:

— Horário de moçambicano, que coisa vergonhosa isso! Que mania que as pessoas têm de se atrasar...

— Caro camarada Samora, nós precisamos entender que nem todo mundo tem o seu dom para pontualidade e exatidão. — interferiu Nelson.

— E, de qualquer maneira, estamos todos aqui e parece que o nosso jovem professor e ativista pródigo encontrou um conjunto de papéis interessante. — sempre jovial e pensando em se mobilizar, era Patrice falando — Como está, meu caro?

— Estou bem. Obrigado, 'chefe'. — provoquei, sabendo que ele não gostava de ser chamado de chefe.

Naquele grupo, estava eu inserido, não por ser ativista pródigo, até porque nem tinha sido eu a encontrar os papéis. Eles tinham sido encontrados por um jovem aluno meu, enquanto ele procurava uma roupa para uma festa a fantasia e, entre uns papéis velhos, achou o que parecia ser um conjunto de manuscritos relatando uma situação ocorrida há 5 anos no Brasil. Parecia, em vários sentidos, uma tentativa de publicação de um conjunto de relatos sobre uma greve feita por professores de escolas de Ensino Básico, mas estava claramente incompleto, com apenas 3 relatos e diversos erros e marcas ainda no texto. Em vez de me questionar sobre como aquele aluno os tinha encontrado, aproveitei que ele confiou em mim com aqueles papéis e pensei em algo muito útil que poderíamos fazer, vos resumo assim:

Os professores moçambicanos precisam se organizar para termos uma organização sindical de alguma forma, e os relatos me pareceram um bom exercício. Entrei em contato com um amigo de longa data, e meu ex-professor, que tinha sido líder sindical na sua juventude e ele me disse:

— Caro jovem, óbvio que eu o ajudaria, mas para isso precisamos duma compreensão

elaborada destes papéis. Falarei com alguns amigos que se interessam e vamos pesquisar tudo isso.

Com isso, estava agendada a primeira reunião para começarmos a estudar diversos experimentos de greve pelo mundo e entender como a ação sindical poderia ajudar os professores.

Não, não me entenda mal, não acho que ação sindical se limite a fazer greve, porém os professores em Moçambique precisavam começar a se mobilizar, pois a situação da educação e do investimento em educação estava precária há quase 30 anos já, e por isso queríamos começar a entender ações de greve.

(Voltando ao presente)

— 'Chefe' não, apenas me chame de Patrice. Estes são Nelson, Samora e Funmilayo, cada um deles é um quadro histórico dos movimentos pela libertação do jugo europeu que tivemos nos anos 70. Estamos velhos, mas o bom de estarmos velhos é que teremos tempo para ler, meu jovem. Não apenas isso, como também temos tempo para estudar o assunto a fundo, pelo menos cada um pode abordar temáticas diferentes relacionadas e informá-lo sobre isso.

Fisicamente eram 3 velhinhos e uma velhinha, Patrice e Samora ainda exibiam aquele olhar orgulhoso e desafiante de quem lutou e desafiou impérios, Nelson era alguém que aparentava ser ameno e calmo, falava numa voz cadenciada bem característica. Quieta e séria, Funmilayo era a imagem duma filósofa e acadêmica, mas também era possível ver sua luta e coragem de anos de ativismo em lugares onde o machismo era muito forte.

Os 4 são figuras históricas que conhecia já há algum tempo, das aulas de história quando estive no colégio, inclusive. Então conhecer representações vivas duma história que só tinha lido sobre era algo que me honrava e amedrontava por ter que lidar e talvez discordar, se necessário, de figuras tão ilustres.

— Faremos o melhor para ajudá-lo, jovem. Nos dê duas semanas e poderemos lhe ensinar muito sobre a situação e o contexto do histórico desse tipo de movimentos, a relação histórica do trabalho docente no Brasil e também como tem sido a atuação do sindicato na região desses manuscritos e tentar entender como aplicar aqui. – Samora, em tom de quem está habituado a ser autoridade, interrompeu meus pensamentos.

— Obrigado, senhor. Farei o meu melhor pra melhorar a educação no nosso país. – não resisti, apesar de vários defeitos, admirava a luta que ele representava.

— Então é isso, cada um de nós irá ler estes manuscritos que nos trazes e em 2 semanas nos encontramos aqui novamente, com nossas pesquisas e impressões sobre os manuscritos.

— Obrigado, meus senhores, estão me fazendo um grande favor.

— Mais um, meu jovem.

Nossos amigos se reencontram no mesmo local cerca de 15 dias depois, todos jovialmente conversando sobre o que planejavam para o novo ano, mas quando sentaram começou o assunto sério, comida e bebida.

— Boa tarde! – 5 vozes diferentes dizendo isso para o garçom.

— Boa tarde, vão querer comer, ou é só para umas cervejas?

— Vamos querer alguns petiscos e 4 cervejas– disse Samora rindo e olhando para mim, sabendo que não bebia álcool há anos.

Samora era um homem imponente e que demandava respeito quando falava, porém, naquele grupo, ele parecia estar mais à vontade e relaxado.

Patrice era calmo e calculado, um ativista de longa data, com um histórico de trabalhar para diversas empresas. Apesar disso, sempre foi um líder sindical dedicado e com o apoio de muita gente, sempre recusando ser encaixado em alguma caixa como comunista, socialista ou anarquista, só se via como um lutador pan-africano.

Nelson era o pacificador do grupo, com uma história junto ao partido comunista do seu país. Além de ser estrangeiro, – e por isso com um português difícil de entender às vezes (sua primeira língua nem ocidental era) – era hoje um crente ardente em uma revolução sem armas e em métodos pacíficos de luta, mas isso não fazia dele menos impressionante.

Por fim, Funmilayo, ativista feminista dedicada e velha guerreira contra políticas coloniais, que hoje dedicava-se a estudar movimentos para ensinar melhor aos jovens como poderiam criar um sistema social que prezasse pela igualdade de gênero, algo muito necessário na nossa sociedade.

E eu, jovem assistente de Patrice, aprendiz da sua filosofia, apenas ali para ajudar a ler os papéis, devido a minha habilidade de conseguir ler qualquer letra, e para trazer a perspectiva dos jovens para aquelas cabeças todas.

— Pois bem, – começou Patrice – todos tiveram duas semanas para ler os documentos e,

além disso, cada um ficou com uma tarefa para contextualizar a nossa discussão. Nelson, podemos começar pelo histórico de greve no país em causa?

— Sim! — começou Nelson na sua voz grave e rouca — Comecei por estudar o histórico de leis no país em relação à questão da greve, começando nos anos 30 do século XX. A primeira menção à greve é negativa, segundo as leis da época fazer uma greve era basicamente ilegal e trabalhadores grevistas podiam até ser presos. Este tipo de situação durou até 1946, quando, com pressão internacional, a greve passa de delito a um direito. Isto nos leva à primeira grande greve no país, com catorze diferentes categorias envolvidas, que forçaram uma negociação coletiva desafiando na altura o que era a lei consolidada. Isto ocorreu por volta de 63, o que leva a ser criada, no ano seguinte, uma nova lei que retira a ilegalidade da greve, mas que aumenta a intervenção estatal nos sindicatos [1].

— Pára aí Nelson – interrompeu Patrice – como era o governo nessa altura? Alguém tem alguma ideia? Qual foi a ideia por trás desse aumento de intervenção estatal?

— Pois bem, isso são dúvidas interessantes, Patrice, e pelo que pude averiguar, na altura o país já se encontrava em uma ditadura militar que durou até os anos 80. Pelo que entendi, esta lei de 64 praticamente bloqueava o direito de greve, com tantas restrições que eram aplicadas aos trabalhadores. [2]. Em 1967 uma nova lei é criada, assegurando apenas aos trabalhadores do setor privado o direito de greve. Os funcionários públicos ficaram de fora, um absurdo, não acham?

— Sim, Nelson, um absurdo! (coro coletivo).

— É um histórico difícil. Os anos 70 trouxeram grandes movimentos e repressão. Acho significativo que o próprio site da câmara legislativa se pronuncie afirmando que houve repressão policial pesada em diversas greves no final dos anos 60 e início dos anos 70, em diversos sentidos semelhantes a repressões sofridas pelos nossos povos aqui na mesma época.

— Isso, a história nos traz grandes coincidências.

— Sempre a luta de classes a movimentar a história.

— Em 1980, uma grande greve liderada pelo Lula, creio que todos conhecem ele aqui, levou ao início de um processo de queda de todo o aparato de ditadura presente.

— Em 1988 é estabelecida uma nova constituição que garante direito de greve, ainda assim podemos ver problemas nessa época com o exército invadindo a Companhia

Siderúrgica Nacional e assassinando 3 pessoas.

— Começa a me parecer um lugar com um nível elevado de violência entre o governo e o seu povo.

— Não sei se eu iria tão longe, pode depender do governo presente na época, mas claramente vemos um histórico de polícia mais truculenta, talvez haja uma dinâmica semelhante a que vemos nos EUA.

— Apenas em 89 é regulamentada uma lei de greve para a iniciativa privada, e em 2007 o Supremo aplica essa mesma lei aos servidores públicos [1].

Nesse momento o garçom chegou com 4 cervejas e um suco natural de laranja, serviu-nos e disse:

— Os vossos aperitivos já vem, senhores e senhora.

— Obrigado, jovem. — Patrice sorridente agradeceu, sempre no seu papel meio de mediador, e voltou ao assunto: — Estranho...

— Sim, muito estranho. Mas nos fale o que você pensou sobre isto, Nelson, já que estudaste o caso nesses últimos dias.

— Na minha leitura pude ver diversos problemas. Em primeiro lugar, se olharmos as leis como elas estão escritas, o direito de greve nunca foi algo priorizado como ferramenta de empoderamento do trabalhador, principalmente se este fosse um servidor público. Apenas a lei de 2007 garantiu finalmente um direito incondicional ao servidor público.

— Mas isto é muito recente. A história dos manuscritos se passa em 2015, nem 10 anos após esta aparente conquista.

— Aparente?

— Sim, pois pelo que percebemos nos manuscritos encontrados, o direito à greve é algo violentado escancaradamente por parte do estado.

— Como assim?

— Ora, pelos que li nos manuscritos, nem mesmo os professores são respeitados. Estes mesmos professores responsáveis pela educação das crianças e adolescentes do país, tido por muitos como o futuro de uma nação.

— Até mesmo os professores? Não acredito.

— Sim, meus caros. Acreditem. É tão surreal que parece até um roteiro de ficção.

— Na minha leitura isso se aplica ao texto de forma óbvia, até porque eles sofriam diretamente com um governador que não respeitava nem outros direitos básicos que já são consolidados em quase todo mundo, o que mostra que, nessa região, os professores de rede pública não são apenas mal pagos, mas são desvalorizados de diversas

maneiras por todo mundo.

— Concordo, é uma história que me lembra muito que a greve tem origem de luta [3] e que esses professores apenas continuam seguindo essa história de luta. – comentou Samora.

— Sim, e este histórico que o Nelson levantou nos ajuda a entender como este país chega ao ponto que percebemos nos papéis achados. – Patrice entrevistou — Um momento em que uma greve que me parece totalmente legítima e razoável é tratada socialmente e estruturalmente como algo que atrapalha, fico perplexo.

— Funmilayo, tua função era ver a base histórica da greve e as filosofias que nos guiam para usar a greve como meio de luta – mudou de assunto, Nelson.

— Sim, podemos começar, caros – começou Funmilayo — Devo dizer que foi uma pesquisa interessante, até porque a ação de greve é algo não muito comum no nosso país, ao contrário do país do nosso caro Nelson. Comecei por uma data, o 1º de Maio, um dos meus feriados preferidos. Olhemos a origem desse movimento, meus caros. Tudo começou com a revolução industrial, e pelo fato de que os patrões, pela primeira vez, precisavam de trabalhadores em massa e já não existia escravidão, coitados. Assim começou a exploração dos trabalhadores, com as primeiras fábricas. Horas em demasia, salários baixos e basicamente maltrato dos trabalhadores. Tudo isso se acumulou nas costas dos trabalhadores até que, em 1791, se registrou uma greve por 10 horas de trabalho.

— É um absurdo pensarmos que os trabalhadores tiveram que protestar para reduzir a carga horária para 10 horas.

— E esse movimento durou anos, meus caros.

— Quantos anos, cara Funmilayo?

— Vejamos, começou em 1791 e o primeiro resultado tangível veio apenas em 1835, quando a cidade de Filadélfia aceitou as 10 horas de trabalho como lei, após uma greve geral de todos os trabalhadores da cidade. Ainda assim este movimento continuou, porque não era apenas uma cidade ou um país com estes problemas e, enquanto isso, extraíam ouro, minérios e outras riquezas do nosso continente. [4]

— Os brancos não mudam, cada século passa e continuamos tendo que lidar com exploração e maus tratos. Hoje em dia até negociam com alguns negros para explorar outros negros – Samora desabafou.

— É verdade, é sempre importante lembrar que sim. Enquanto os movimentos em relação a liberdade dos trabalhadores aconteciam nos EUA e na Europa, eles detinham todo o poder e até hoje não se importam com o nosso povo, em todas as partes do mundo. — lamentou Nelson.

— Meus senhores, precisamos continuar a nossa discussão com um foco, senão nos perderemos... Precisamos falar sobre o 1º de Maio em Chicago, para entender a origem e a importância que os valores trabalhistas têm para nós e, para isso, precisamos falar sobre as 8 horas de trabalho. Hoje em dia, 8 horas de trabalho é considerado comum em grande parte do mundo e podemos concordar que é uma demanda válida que deve continuar assim...

— Eu discordo, acho que deveria ser reduzido mais ainda – intervi pela primeira vez.

— Pois bem, o jovem aqui discorda, mas eu preciso mesmo terminar isto, que foi uma pesquisa longa. Começo com uma frase de Marx para reflexão: “Da morte da escravidão, uma nova vida imediatamente surgiu e o primeiro fruto da Guerra civil foi a agitação das 8 horas.” [5]

— Já podemos ver que a demanda por 8 horas não seguiu a demanda por 10 horas, mas que as duas surgiram organicamente porque os patrões não podiam mais explorar os povos. — Nelson.

— Principalmente o nosso. — Patrice.

— E saliento que os homens negros já podiam votar antes de qualquer mulher nos EUA, se bem que fizeram de tudo para evitar que eles votassem [6]. Então, como bem assinalado, Nelson, estas demandas surgem quando se percebe que a exploração já não era um método econômico viável...

— A exploração até era econômica para eles, mas os explorados começaram a se rebelar mais. Ainda hoje existe exploração, só escondem melhor [4]. — Samora.

— A teoria principal sobre as 8 horas vem a nós por meio de um maquinista de Boston, chamado Ira Steward. Ele teorizou que os hábitos, costumes e opiniões das massas representavam o maior poder no mundo e que as demandas dos trabalhadores eram poucas, porque, trabalhando 14 horas, tinham pouco tempo e energia para pensar e imaginar uma vida melhor e salários melhores [8].

— Faz todo sentido, claro. É psicológico. Hoje em dia nos amortecem com televisão e overdose de informação, de forma que não conseguimos perceber quais informações são relevantes e quais podemos ignorar. — falei baixinho.

— Muito bem, meu jovem! — jovialmente gritou Patrice.

Funmilayo calma, como sempre, apenas reiterou com o olhar que precisava mostrar o trabalho que tinha feito, e nos aquietamos.

— Steward termina sua teorização perguntando como os trabalhadores poderiam ser estimulados a procurar salários maiores se tinham tempo apenas para trabalhar, comer e dormir. A essência da carga horária de 8 horas é exatamente essa, lutando primeiro por menos horas permitiria ao trabalhador ter mais interesses além do seu trabalho. Interesses que levariam a necessidade de um salário maior, o que levaria a luta por um reajuste salarial. Steward finaliza com sua observação final, menos horas e mais pagamento é o que os trabalhadores merecem, pois no momento, todo fruto do seu trabalho fica com o patrão [8].

— Essa lógica faz todo sentido, e a luta dele é prática. Garantir uma lei nacional de 8 horas de trabalho obriga os patrões capitalistas a seguirem essa lei, a não ser que queiram problemas. [9]

— E isso acontecia só nos EUA?

— Não, meus caros. Na Europa, a Associação Internacional dos Trabalhadores, liderada por Karl Marx e outras figuras da 1ª internacional, propunha o mesmo sistema com leis nacionais nos países de forma a não dar chance aos capitalistas, porque cada vez mais se via que o estado era mais eficaz que os sindicatos para negociar com os patrões. Ainda assim demorou 25 anos até se instituir as 8 horas de trabalho e o 1º de Maio como instituições dos trabalhos, já na 2ª internacional isso. [9].

— E quanto às posições de outros grupos de esquerda? – perguntou Nelson.

— A abordagem marxista e socialista era de que a ação deveria ser militante e ativa nas ruas. A crença destes grupos era de que não era só fazer uma greve, era preciso fazer greve, parar a produção e incomodar os capitalistas e legisladores até que os trabalhadores tivessem o que queriam. Outro grupo presente naquele tempo eram os cavalheiros do trabalho (Knights of Labor)...

— Cavalheiros do trabalho? Que nome engraçado!

— ... que era um grupo diferente. Sim, era esse o nome mesmo. Americanos, não dá para entender. Dentre outras coisas, o engraçado é que este grupo foi o primeiro a incorporar mulheres e pessoas negras no seu sindicato. Acho que chamamos assim, né?!

— Ah, pode ser sindicato, grupo trabalhista, tanto faz. Nomes não importam muito...

— Então, continuando, esse sindicato apesar de ser o primeiro a incorporar mulheres trabalhadoras, pessoas negras e vários outros grupos menos privilegiados, e de também ter na sua carta de demandas as 8 horas diárias como primeira demanda, eram contrários

a greve e manifestação em muitos sentidos. Concentravam seus esforços em pressão política com os legisladores, deixando uma delegação por 6 anos em Washington, com muito pouco apoio financeiro e logístico. O resultado foi o que se esperava: nada.

— E os cavaleiros continuaram existindo?

— Após alguns anos, os membros mais ativos deles se uniram aos marxistas e foi criada a Federação dos Trabalhadores dos EUA e do Canadá que tentava trabalhar em conjunto com os cavaleiros que restaram. Esta federação foi mais ativa, tentando criar estratégias mais ativas que as dos cavaleiros e propondo a ação de greve como ferramenta. A proposta era usar o 1º de Maio como o dia para ação de greve geral em 1886. Esta ideia foi amplamente divulgada e vários membros da base dos cavaleiros estavam prontos para entrar em ação também, porém os seus líderes não estavam [9]. De certa forma semelhante ao que vimos nos manuscritos que achamos, lideranças com menos vontade de lutar é algo histórico e depende muito da forma como organizamos nossos movimentos.

— Sim, quando temos lideranças sem vontade, como vimos nesse caso, acabamos por não conseguir nada – Patrice que sempre foi um líder sindical ativo entrevistou.

— É preciso que o trabalhador incomode para ser ouvido. É necessário protestar mais ativamente e incomodar de forma muito mais forte. – a voz cadenciada de Nelson se sobrepôs.

— Pois é, meus senhores, o que precisamos construir são movimentos sindicais muito mais eficazes, sabendo que tipo de luta vale a pena fazer e qual não vale a pena. É preciso conhecer a base e conhecer com quem se negocia. Minha leitura desta história é que negociando por leis é importante, mas não pode ser a ferramenta principal e, as vezes, até quando temos leis, teremos governantes ruins. Até me questiono se esse nosso sistema de democracia realmente funciona. – Funmilayo apresentou sua visão.

— Para finalizar, gostaria de dizer que, no fim, os marxistas acabaram se aliando a ala anarquista dos movimentos, que nesse quesito tinha pensamentos bem semelhantes e favoráveis à luta por protesto e greve. Esta aliança levou a uma mobilização de quase 250 mil pessoas, na região do norte da costa leste na região dos Grandes Lagos nos EUA, e também nos levou ao massacre de quase 200 pessoas no mercado de Feno de Chicago no 4º de Maio de 1886. Uma data que fica pra história por demonstrar o quanto as coisas continuam não mudando, os trabalhadores, até hoje, têm dificuldade em protestar e se levantar quanto a esse tipo de injustiças.

— Verdade. (coro coletivo).

Após um silêncio curto, Samora:

— Façamos uma pausa, comamos uns pregos. Jovem vegetariano, creio que pode pedir uma tosta de queijo, não?

— Pode ser – respondi timidamente.

Descansamos e comemos. Enquanto comíamos, aproveitava para ouvir um pouco mais sobre outros assuntos que nos relacionavam com o tema em estudo.

— Mas jovem, nos diga, você viveu no Brasil? – Funmilayo.

— Sim, há uns anos. Presenciei diversos momentos interessantes lá.

— Então nos diga, o senhor presenciou essa greve que esses manuscritos nos relatam por acaso?

— Presenciei sim, mas há uma distância contextual bem grande. Na época eu era apenas um aluno universitário.

— E como era a sua visão de aluno?

— Pois bem, eu via muito o que chegava a nós pelas imprensas alternativas na internet e tentava acompanhar alguns jornais de publicação mais intensa.

— Mas por que isso? Não havia uma fonte de publicação intensa mais confiável? – inquiriu Samora.

— Num país onde praticamente todos os meios de comunicação são privados e poucos são geridos de forma independente, sinceramente, não diria que há uma publicação intensa confiável, pelo menos não na região onde ocorreu a greve, que coincidentemente é o mesmo local em que estive estudando. Algumas agências de jornalismo independente faziam o papel de informar pelo outro lado e, no caso desta greve, traziam muitas vezes o lado dos professores, que são os trabalhadores no caso em questão.

— Entendi, então é um caso em que lidamos com uma mídia tendenciosa a favor dos patrões, que nesse caso é um estado tendencialmente de direita, estou certo? – Nelson.

— Basicamente isso. No fundo, a visão que tive foi que o governador tomou decisões muito estranhas e que iam contra preceitos fundamentais da constituição, ou da compreensão que eu tinha da constituição na época, pelo menos.

(Chegaram os nossos pratos)

— E o Brasil é realmente um país como o nosso, só que um pouco mais branco? – Funmilayo mudou de assunto. — Desculpa a pergunta do nada, mas me questiono pelo contexto que viste lá.

— Não creio que o Brasil seja um país que nem Moçambique, ou qualquer outro país africano diga-se. A dinâmica de população lá me pareceu tendendo para o branco no início, após algum tempo é que percebi que a questão é muito mais complexa do que imaginamos aqui. De certa forma se assemelha à França, – comentei, e Patrice assentiu com a cabeça, como quem entendia a ideia — pois a população negra é quase sempre limitada a bairros pobres e problemáticos, com escolas em condições precarizadas e com muitos outros problemas, sem falar em toda a questão da escravidão que nunca ficou bem resolvida. E tudo isso se encaixa numa dinâmica na qual apesar de haver uma população negra muito forte, em diversos sentidos, ela é marginalizada e ignorada principalmente em ambientes como a universidade, ou ambientes de poder como cargos de governo e legislativos. É um sistema que demora para explicar e em muitos aspectos não faz sentido.

Após terminarmos a refeição, voltamos ao nosso foco. Samora iria nos falar sobre a história da educação no Brasil e principalmente como ela se relacionava com o ativismo docente em redes públicas e privadas a nível nacional.

— Meus camaradas, começo este relato vos dizendo que a colonização é um problema grave, e é a partir dela que começamos a tentar entender os fatores relacionados a esta greve. Se voltarmos ao século XVII, veremos uma colônia portuguesa que, ao contrário das outras, tinha uma administração focada não só em trocas com os povos nativos do local, mas em dominação do território também., Assim, não me entendam mal, no século XVII já haviam todas aquelas megaplantações de café que todos vocês já viram naquelas novelas de época.... Estranhas.

— Era um contexto muito desigual – acrescentou Patrice.

— Isso mesmo, principalmente levando em conta que algumas poucas pessoas tinham terras enormes e dominavam toda a economia. Se me permitem agora, leio um trecho de um trabalho feito por um professor brasileiro em 1993:.

“O período colonial brasileiro, baseado na grande propriedade e na mão-de-obra escrava, contribuiu para o florescimento de uma sociedade altamente patriarcal caracterizada pela autoridade sem limite dos donos de terras. O estilo medieval europeu da cultura transmitida pelos jesuítas, correspondia às exigências necessárias para a sociedade que nascia, do ponto de vista da minoria dominante. A organização social da colônia e o conteúdo cultural se relacionavam harmonicamente. Uma sociedade latifundiária, escravocrata e aristocrática,

sustentada por uma economia agrícola e rudimentar, não necessitava de pessoas letradas e nem de muitos para governar, mas sim de uma massa iletrada e submissa.”[10]

— De novo, meus caros, nas nossas vidas pelo menos, temos uma aliança entre a religião e os poderes que dominam o estado para limitar o acesso à educação com um interesse em manter as estruturas dominantes no poder. E é assim que temos o início da educação no Brasil, religiosa, limitada a elites e ainda assim determinada a perpetuar um *status quo*. E olhem quanto tempo durou esse tipo de educação, mesmo quando Portugal passou pela fase dos déspotas iluminados...

— Que conceito ridículo – Funmilayo.

—... E ainda assim, mesmo tendo havido uma dissociação dos jesuítas do papel de educadores principais, o papel da educação era apenas ensinar trabalhos básicos para filhos de proletários, quando presentes, enquanto que os filhos dos senhores ricos tinham o luxo de poder estudar em universidades europeias. E se houve algumas mudanças ao longo das décadas, nenhuma delas era significativa. O que podemos garantir que funcionava era que o ensino era pago, caro e focado em formar pessoas que mantivessem o status quo, o que durou a maior parte do tempo da história do Brasil... Pensemos nisso por um tempo. – Samora já tinha entrado em modo discurso sem nem perceber. [10,11]

(Silêncio quieto por 30 segundos)

Nesse tempo me apercebi da dinâmica e do tempo de luta que aquelas 4 pessoas tinham. Não era apenas um pedido de silêncio vago para ênfase de discurso, era realmente um momento em que vi os 4 relacionando as suas histórias de vida e a história que conheciam com aqueles novos conhecimentos e como eles podiam interpretar isso. Por um segundo me deixei fascinar pelo silêncio deles.

— Camarada, e nesse tempo todo, como as professoras e professores se mobilizavam?

— Pois bem, devo dizer que não sei dizer, não porque não procurei, mas porque as fontes que encontrei mencionavam o início do sindicalismo como algo que aparece apenas nos anos 50.

— O milagre aqui é o Samora dizer que não sabe alguma coisa – jocosamente entreviu Nelson.

(Risadas)

— Engraçadinho, porém continuo dizendo que a ausência dessa informação é mais um dado que nos mostra como a educação estava limitada a elites e era quase toda privada. Vamos saltar, porque senão perderemos tempo demais e já vejo o Patrice se coçando aí para falar.

— Nada disso. Continue, meu caro.

— Vou resumir a situação com mais uma frase do mesmo trabalho que li há pouco:

“No século XIX, uma das características do ensino secundário, era a de se voltar totalmente para o preparo dos alunos para o ingresso na escola superior, devido à pressão exercida pela classe dominante que desejava que seus filhos fossem reconhecidos rapidamente como "os homens cultos do país". Na educação média, a arte de falar bem era mais importante do que a criatividade do indivíduo.” [10]

— E assim, meus camaradas, até mesmo com o advento da república no final do século XIX, pouca coisa mudou. O ensino continuou sendo algo quase exclusivo da iniciativa privada, com um ensino público com poucas escolas e pouco financiamento estatal.

— Em suma, continuávamos tendo um sistema de ensino focado em ensinar os filhos das elites.

— Ênfase em filhos.

— E, camaradas, apenas com uma insatisfação crescente nos anos 20 é que temos os primeiros indícios de uma revolução no ensino, com ideias novas sendo derivadas de diferentes escolas de pensamento que nasciam naquela época. E nesses pensamentos nasce a Escola Nova, que traz aquela ideia revolucionária de uma escola universal e gratuita para todos cidadãos do país, e temos a criação pela primeira vez de escolas e sistemas públicos ativos de ensino.

— Há apenas 100 anos atrás... Como as instituições crescem rápido. – comentei.

— Como assim, jovem? – indagou Patrice.

— No tempo em que vivi no Brasil, consegui perceber o quanto a escolaridade pública e gratuita é algo que para muita gente já estava instituído, algo fundamental na vida. Hoje também entendo que para essas pessoas era essencial proteger um direito que elas viam como frágil.

— E QUE FOI MAL CONSTRUÍDO – explodiu de volta Samora, num dos seus costumários gritos de início de frase — Este sistema da escola nova tinha potencial, porém todos nós aqui sabemos que a fertilidade de ideias nos anos 20 tendia tanto para a nossa visão quanto para a visão do inimigo. Me atrevo a dizer que exatamente por isso...

(– Inimigo é um termo forte, Samora)

—... a escola pública se desenvolve como um misto de algo positivo, com ideais de ensino interessantes, e negativo, como o fato de que a escola continuou sendo uma ferramenta para formação de mão de obra e não estimula a criatividade. Com grande ajuda da igreja católica nisso.

(– Lá vem ele e a guerra com a igreja)

— Nos anos 30, começa a criação do ensino como ele é conhecido atualmente no Brasil: seriado e com ensino fundamental e médio. Alguns problemas que podemos apontar em relação a ideologia da escola nova é que ela era muito baseada nos ideais de John Dewey, pensados para um contexto europeu e norte-americano, e só pros brancos norte-americanos. Ainda assim era uma iniciativa num sentido positivo, na minha visão.

— E os sindicatos, Samora?

— Ainda não tinham dado o ar da sua graça, creio que também devido à ilegalidade na época da greve e todos os outros problemas relacionados a esse tipo de movimento. Em muitos sentidos, o movimento docente também teve um nascimento tardio em relação a outros movimentos proletários.

— E assim continuou havendo reformas e contra reformas na educação. Em algum momento a classe média começou a perceber a educação como favorável aos seus interesses, porque já não bastava investir simples enquanto a concorrência eram multinacionais e outros privados gigantes.

— Então foi preciso abrir o país a investimentos grandes e situações de exploração piores para se valorizar a educação?

— Basicamente sim, camaradas.

— Em suma, os movimentos sociais nascem de governos ditatoriais e problemas com os direitos dos professores em questões extremamente importantes, com greves ilegais, na lei arcaica dos anos 70 e 80 do Brasil, envolvendo grande parte da classe trabalhadora. Apenas com o fim da ditadura militar no final dos anos 80 é que temos a primeira lei que permite a professores da rede pública se sindicalizar [12].

— Acho que isso já foi mencionado também pelo Nelson...

— Ah, sim, verdade, desculpem-me a repetição.

— Nem foi muito grande a repetição, foi outra forma de ver a mesma situação, algo até comparável ao que vemos nos manuscritos.

— Pois bem, devo dizer que a ausência de sindicatos nunca significou a ausência de movimentos. Desde o século XIX, em focos regionalizados, principalmente em regiões centrais da economia como o Rio de Janeiro, víamos associações de docentes, que

tinham objetivos mais voltados a assistência a docentes doentes e publicação de revistas divulgando métodos de ensino. Na época existia uma disputa sobre quais métodos eram melhores, muitas vezes defendendo métodos que interessavam a cada associação, tudo isso com o objetivo principal de discutir questões relacionadas a organização do sistema de ensino. Além disso, as associações faziam reivindicações salariais após certo tempo de existência. Eu diria que são tudo vertentes de ação de sindicatos, mas os sindicatos possuem mais liberdade de ação para outras atividades e possuem capacidade de negociação política que não consigo ver aparecendo nessas associações.

— Achei bem interessante essa vertente de trabalho de defender e discutir organização e metodologias de ensino.

— Pois é, são coisas que chegaram muito prontas para nós e acabamos apenas absorvendo os métodos de ensino tradicionais, sem nunca nos questionarmos sobre a sua validade.

— Nem incluindo a nossa cultura nos nossos sistemas de ensino.

— E Samora, quando que começaram atividades que incluíam a classe como um todo?

— Bom, primeiro devemos sempre nos lembrar da dimensão do Brasil em termos de tamanho do país mesmo. É um país muito grande, então sempre aconteceram movimentos regionais. O primeiro registro que encontrei, ou melhor, o registro mais antigo que encontrei de um movimento que buscava uma união de classe e categoria de professores de ensino básico é dos anos 30 em São Paulo, a outra grande região econômica do Brasil, com a criação do Centro do Professorado Paulista (CPP). O CPP começou funcionando como uma associação beneficiante que visava dar apoio aos professores com objetivo de garantir a união da categoria. Uma estratégia que achei bem interessante, pois mesmo não sendo sindicato, conseguiu criar união com o tempo. Até que nos anos 50 conseguiu organizar passeatas e movimentos para reivindicar plano de carreira e salários melhores para os professores de ensino básico.

— Muito bem elaborado esse plano.

— E foi bem-sucedido, camaradas. Este grupo chegou até a ser a segunda maior associação da América Latina.

— E como funcionavam as negociações entre esses grupos e o poder público?

— Camaradas, as negociações eram efetuadas diretamente com o governador e os representantes para a educação dos governos locais, porém, caso isso não desse certo, eles partiam para a mobilização, de certa forma muito semelhante aos sindicatos nesse sentido.

— E o que levou eles a organizarem passeatas nos anos 50? Não mencionaste outra época em que houve passeatas.

— Inflação, novas exigências feitas aos professores, falta de vontade para negociação por

parte do governo. Eram tempos estranhos e muito pouco divulgados para nós. Sabemos muito pouco da história política da América Latina no meio do século XX.

— Creio que hajam dois motivos principais, foi o auge dos movimentos de negritude e independências africanas, que nos levam a focar muito na nossa história, e a América Latina já estava teoricamente livre do jugo europeu, do qual começamos a nos liberar nessa época. Combinando isso com a forma revisionista que vemos a história, temos o combo perfeito para ignorar a história dessa região por nós. – intervi calmamente.

— Samora, ainda tem muito a dizer?

— Tenho, mas podemos apressar um pouco, visto que falta uma hora para o fechamento do restaurante. Pois bem, continuo. Primeiro com um detalhe importante. Muito deste movimento era feito por mulheres, devido àquela noção muito presente nos anos 50 de que ser docente era uma profissão feminina. Então tenham isso em mente camaradas.

— Muito bem.

— Outro acontecimento que se dá nesta época é a expansão desregulada do ensino secundário, que leva a um pioramento das condições de trabalho destas pessoas, que leva a criação de uma associação de professoras do ensino secundário que funciona de forma muito semelhante ao CPD, tudo isto em São Paulo ainda.

— Quis dizer, CPP não?

— Sim, isso mesmo, desculpem-me, estou cansado já.

(risadas)

— Te imaginar cansado de falar é uma novidade para todos aqui, acredito.

— Vou relevar a provocação. E digo que este modelo foi se expandindo para diferentes regiões, cada qual das novas associações com a sua própria dinâmica de luta e ativismo.

— Incluindo, lembro que um dos manuscritos menciona a criação de uma primeira atividade de luta na região do Rio Grande do Sul, lá pelos anos 50 também.

— E com a ditadura militar, começa o silenciamento destas associações, a partir de 1964, e em 1968. Em uma passeata, a cavalaria policial ataca as professoras na frente de um palácio, o que leva ao desaparecimento de diversas associações e a um período de retrocessos e precarização no trabalho dos professores. [12]

— E como que os movimentos renascem? E isso acontece antes ou depois do fim da ditadura?

— Com professores que se formaram em universidades, que tinham uma perspectiva diferente sobre se associar a uma organização e a como lecionar, e estes jovens começam a mobilizar novamente as associações para recriar de novo o canal de diálogo entre associações e governo. Eles conseguem ter um poder no movimento de professores de ensino secundário e dar uma nova cara a associação nos anos 70, até que explodiram

duas greves em diversos estados em 78 e 79 e começou a aparecer a ideia de que professores são trabalhadores em educação e não eram distintos dos operários. Assim começa a surgir a ideia de que professores devem pensar na sua relação como trabalhadores do estado em vez de uma missão religiosa, como era visto antes. Saliento que isto não acontecia apenas em São Paulo, mas todo Brasil passava por situações assim durante esta fase que foi a ditadura. E em 88 surge a tal lei que permite sindicatos e organizações trabalhistas decentes a se formarem. Creio que era isso, camaradas. [12]

— Muito bem Samora. Podemos entender com a tua fala como foi se dando a atuação histórica dos sindicatos no Brasil e como eles foram evoluindo desde associações até a sindicatos totais com luta e greves fazendo parte dos seus dias.

— Em conjunto com o que o Nelson trouxe sobre as leis , podemos entender também que muitas vezes estas negociações e passeatas podem não ter sido tão pacíficas quanto podemos crer pelo que lemos em artigos.

—Porém devemos aproveitar que aqui a lei de greve já é consolidada mas nunca bem entendida para criarmos um sindicato com união de classe e categorias para formarmos uma ideia mais unida pois pelo que vimos, manter a união é difícil.

Fizemos uma pequena pausa, pois Nelson, na sua idade mais avançada precisava descansar um pouco e usar o banheiro.

Entretanto o dono do Piri-Piri, veio conversar conosco, já com quase todas cadeiras arrumadas e nos disse:

—Samora, que bom te ver, meu caro, como estão as coisas com a família?

— Tive um bisneto há alguns dias, estão todos babados pela criança lá em casa. Só espero poder aproveitar ele por alguns anos.

— Que isso, meu caro. Certo que ainda tens muitos anos pela frente. Até uns 30 se continuares essa vida ativa.

—Esperemos, camarada. Esperemos que sim.

—Meus caros, infelizmente precisamos fechar. Vamos vos servir mais uma rodada se alguém quiser mais algo e após isso o bar está fechado. Precisamos dormir, vocês entendem.

— Claro (todos)!

—Vou querer uma água.

— Eu também.

Após a volta de Nelson e termos as nossas águas, Samora perguntou para Patrice:

— Patrice, e tu? Teu trabalho era entender o movimento na região onde ocorreu a greve em questão.

—Pois bem, foi muito fácil de achar. Como vocês lembram havia diversas menções a um Sartori como governador ou desgovernador nos manuscritos, com base nisso encontrei que ele governou dos anos de 2015 até 2018 no estado brasileiro mais ao sul, o Rio Grande do Sul. Creio que vários de vocês já sabem sobre isso ou também quiseram procurar, mas como a minha tarefa estava relacionada ao contexto regional, fui atrás.

— Fez bem, Patrice.

— O principal sindicato dos docentes da rede pública em 2015 era o CPERS – Centro de Professores do Estado do Rio Grande do Sul. Este sindicato, como percebemos, pode ter diversos papéis, mas na greve em questão parece ter feito um desserviço. Fui pesquisar pelo sindicato o que eles consideram movimento, para ver como este sindicato em específico se organiza e se publica para fora.

—Sim, não temos como conhecer ele por dentro. Mas tentar ter uma ideia é bom.

— Sim, foi isso que tentei fazer, dei uma ênfase em conhecer a história do sindicato e quais movimentos ele participou. Peço desculpa por não conseguir trazer uma visão melhor do que foi feito, porém estive ativo com diversas atividades nas últimas semanas.

—Entendemos Patrice.

—Pois bem, como vimos já nos manuscritos, nos anos 50 temos o início dos movimentos de organização no Rio Grande do Sul dos professores. Ainda assim, pela página do Sindicato local a primeira greve que se assinala ocorre em 1979, durando 13 dias e tendo como principal conquista um aumento salarial que ocorreu em parcelas.

— Notem que o aumento é em parcelas e não o salário é parcelado, como vemos acontecendo nos registros que encontramos.

—Boa! Isso mesmo! É um aumento parcelado. Após isso temos uma greve em 1980 que é curta, porém garante um acordo excelente com um piso salarial de 2,5 salários-mínimos e uma garantia de que 25% do orçamento do estado pertence à educação. Este acordo é ameaçado em 1982 e os professores fazem uma greve de 3 dias para garantir que ele permaneça como estava. A segunda metade dos anos 80 foi claramente um período de muita movimentação e agitação política, sendo que os professores faziam pelo menos uma greve por ano ou até mais em que cada uma garantiu direitos diferentes como eleições nas escolas, 13º salário, garantia do respeito ao plano de carreira e diversos aumentos salariais, principalmente tendo em conta a inflação desta época. Após isso, os anos 90 foram mais pacíficos, até 2000, quando houve uma greve focada principalmente em aplicar o plano de carreira para os funcionários da escola também e a inclusão destes no quadro da Secretária de Educação. Após isso ocorrem algumas greves no novo século, porém com conquistas simples focadas principalmente em garantir os direitos já conquistados, que foram sendo ameaçados por diversos governos, não havendo muita diferença entre cada um destes. [13]

– E a greve de 2015 é mencionada?

– Não não é. Esta greve pode não ter sido mencionada pelos problemas que vimos nos manuscritos ou porque o sindicato determinou que não houve conquistas. Sinceramente não creio muito nisso, porque diversas das greves nesta linha do tempo na página do sindicato indicavam como conquistas algumas coisas muito vagas ou que muitas vezes poderiam ser consideradas apenas reivindicações básicas ou eram conquistas com a própria categoria. [13]

– Então tu achas que eles preferiram nem mencionar a greve de 2015.

– Tenho quase certeza disso.

– Me parece algo meio feio para um sindicato fazer isso, não mencionar uma movimentação que parece ter sido bem forte, talvez isso explique a razão dos manuscritos.

– Pois bem, precisamos nos movimentar. Alguém peça a conta.

– Como dividimos a conta?

– Esperem um pouco, preciso ir ao banheiro.

E aqui vos abandono e vos entrego aos manuscritos caros leitores. Espero que continuem se divertindo com a leitura.

Capítulo 2-O Revoltado

O meu relato da Greve de 2015
Porto Alegre, Julho de 2015

Em casa, de noite

Começou quando li na internet que os salários dos professores iriam ser parcelados no próximo mês, não quis crer,

“parece notícia da Sensacionalista”— pensei para comigo.

Liguei para um colega de faculdade que também é professor;

—Cara, tá sabendo da nova piada do Sartori?

—Quê que aconteceu agora?

—Parcelamento de salários dos professores, olha o absurdo. Amanhã vamo tar recebendo 400 reais

—Esse Sartori é um herói né, só faz burrada e ainda tem a cara de pau de parcelar um salário que já é mixuruca.

—Pois é, veremos amanhã. Parece que já estão organizando assembleia do CPERS.

—Isso aí cara, vamos ver.

Dormi aquela noite pensando na revolta que é essa vida, em como já não bastasse estar desde que eu tinha começado a lecionar recebendo abaixo do piso salarial dos professores, agora ainda tinha que receber em partes. Era uma decisão esdrúxula no mínimo. Para mim não havia volta, depois de meses de discussão, falas e ameaças do sindicato, iria sim haver uma greve.

Dia seguinte de manhã, Escola(s)

a manhã seguinte cheguei cedo à uma das escolas que leciono, ainda indeciso sobre o que falar para os alunos, mas na verdade não tão indeciso. A conversa na sala dos professores rondava toda no parcelamento, contas a pagar, faculdade dos filhos, comida e produtos de limpeza, a vida num caos. Por um momento ninguém pensou na sua aula, viramos todos humanos e não os robôs que os nossos chefes nos tomam por.

Após ter dado a minha aula, na outra escola onde leciono o ambiente estava bem mais

claro: não haveria aula enquanto continuássemos a ser tratados como se o nosso trabalho não valesse de nada.

Noite, Assembleia do CPERS

A assembleia do CPERS começou de noite e com ela veio a angústia e o sentimento de desvalorização. Na verdade não havia o que debater nesta assembleia, nós, como professores, estávamos cansados de ser maltratados. Haveria greve sim, mas como sempre conseguimos criar pontos de contenção: Como seria feita a greve? Uma greve total ou em pequenas paralisações de alguns dias? Qual seria a demanda? Ou demandas? Acabou decidindo-se por fazer paralisações a cada duas semanas e Após isso iríamos fazer novas assembleias para decidir pela continuação. A pauta era simples: salários pagos em dia. O absurdo de toda esta greve era essa demanda. Chegamos ao ponto, ao retrocesso em que estamos, que nós, professores concursados, que devidamente lutamos por um lugar como servidores públicos, muitos de nós que ensinamos por gostar de ensinar em que o prazer de ensinar se junta a obrigação de ter um trabalho para se sustentar e com tudo isso tivemos que pedir uma conquista que basicamente já tinha sido conquistada há 100 anos. A história realmente se repete, em alguns casos tristemente. Conversando com um colega após a assembleia vi que nem todos viam a greve como uma ferramenta útil:

—Então, estaremos paralisados na escola? —perguntei eu

—Não vou parar- disse ele- terei que recuperar aulas depois. O CPERS nunca realmente nos apoia e quem terá que trabalhar mais depois seremos nós.

—Mas vamos deixar eles abusarem de nós assim? Vamos continuar a ser atropelados como temos sido desde que eu, pelo menos, comecei a minha carreira de professor?

—Não, não quero ser atropelado, mas não creio nessas paralisações como algo efetivo, tem maneiras melhores de conseguirmos o que queremos.

Casa, Mesma Noite

Nessa noite, sentei e pensei. Na minha mente era óbvio, “Eu já devia estar em greve desde a primeira vez que não recebi o meu piso salarial, é um absurdo tudo isso, trabalho e me esforço para ensinar bem aos meus alunos para preparar eles para o mundo e para viverem em sociedade, sempre reiterei a importância dos movimentos de greve para os alunos nas aulas, hoje é a minha oportunidade de

mostrar que não falo só da boca para fora; decidi que participaria da greve, com ou sem colegas de trabalho junto.”

Foi uma noite calma, a greve começaria na segunda-feira, tínhamos basicamente um final de semana para decidirmos se íamos paralisar. Por mim a decisão estava tomada. Eu estava finalmente em greve.

Segunda de Manhã, Escola 1

—Não é tão simples assim —disse a prof. Anabel (Ciências)—Não sei se entrar em greve é uma boa ideia, além do mais pra gente que tem contrato ou que está em período probatório.

—Mas é uma decisão que nós temos que tomar — argumento o prof. Vicente (Matemática)— por mim eu estou de greve, com ou sem todos professores da escola.

—Eu também estou de greve—afirmei.

—Pessoal, não precisamos entrar em brigas—disse a diretora Selma—Os professores que quiserem estar em greve e seguir a decisão do sindicato estão livres para isso, eu entrarei em greve se nós aqui na escola decidirmos por isso, de forma unânime.

—Seria bom sabermos quem está disposto a fazer greve, pelo menos entre nós, e saber como faremos para compensar as aulas depois — falou a professora Cláudia (Português)

—Acho que quem quer fazer greve tem esse direito e quem não tiver de greve continuará normalmente, quanto aos horários perdidos iremos ver isso com o tempo e com a duração da greve—disse a diretora.

—Quantos grevistas seríamos? — perguntei

3 professores levantaram a mão, naquele momento me veio a imagem do CPERS e da ausência dos professores no seu próprio sindicato. De 20 professores, 17 escolheram, pelos seus próprios motivos, a segurança de não fazer a greve.

—Kátia, teu período probatório? Tu serás a vice da escola no próximo ano, é só não entrares em greve.— afirmou a diretora.

—É uma questão de honra para mim diretora, não são apenas salários, nossa profissão está em jogo, o futuro destas crianças está em jogo; não se trata apenas de um momento que fomos esquecido, é uma sistematização de esquecer o nosso trabalho, até nós às vezes nos esquecemos de porque fazemos este trabalho e sei que nesta escola todos aqui se esforçam por melhorar como professores mas isso não chega. —Kátia falou com

um tom entre o emocionado e o mais racional que eu vira em algum tempo;

No momento que ela terminou a frase mais duas pessoas levantaram a mão e ao mesmo tempo disseram:—Nós também estamos em greve.

Foi o início da nossa greve naquela escola, 5 professores, nos organizamos e decidimos diversas coisas naquela manhã, eu ainda precisava saber como seria com a outra escola onde ensino, mas naqueles momentos conversamos:

—Vamos seguir o CPERS nesta greve?—perguntou Luísa (Geografia)

—Nãoooo—dissemos eu, Vicente e Kátia ao mesmo tempo

—Não necessariamente, a ideia é tentarmos conseguir algo palpável com essa greve. Nunca vi o movimento dos professores tão unido, temos uma oportunidade de fazer algo bom. O CPERS decide pelas suas greves mas nós temos nossa independência, até porque acho que há muita gente não filiada em greve. - disse eu tentando me explicar.

— Vamos ver como as assembleias decorrem e após isso tomamos nossa própria decisão a cada semana. Foi escolhido o método de paralisações de 4 dias e alguns intervalos entre assembleias. Esperemos que resulte em algo. - disse Vicente.

A diretora Selma pergunta daí: E vocês outros, não preferem aderir? Se uma maioria aderir eu fecharei a escola e entramos todos de greve.

—Não sei, Selma, não sei se acredito no CPERS e nem sei se essa ferramenta é válida.

— disse Bruna (Inglês)

—Eu até creio na greve como uma ferramenta, mas estou num momento sensível demais para me arriscar, dependo de contrato para continuar trabalhando e não sei se fazer greve será tão simples assim para mim. - disse Leonardo (Matemática) — se me cortarem o ponto ou eu perder a vaga é demasiado arriscado pra mim. Me desculpem.

—A gente entende Léo.—disse eu.

—Pois então, manteremos a escola aberta, mas quem quiser fazer greve está livre e trabalharemos em conjunto para poder ajudar vocês a recuperarem as vossas aulas. - disse Bruna.

—Como a greve começa hoje, acho que quem está de greve não precisa dar aula. Porém seria bom uma última conversa com os vossos alunos. —disse a diretora Selma.

Na aula com os alunos conversei com eles sobre porque eu faria greve e que a luta não era apenas uma questão de salário.

Escola 2, mesma manhã.

Cheguei algum tempo depois na outra escola onde leciono. O ambiente estava mais claro lá, logo de entrada percebi que meus colegas estavam com uma mentalidade diferente. A discussão ocorreu de forma rápida e pacífica. Estávamos todos em greve. Mas o que significa estar em greve? O que significaria para nós paralisar? No discurso de meus colegas percebi modos de pensar e agir diferentes. Percebi pessoas que nem sequer acreditavam na greve como ferramenta e achavam o CPERS uma roubada. Como professor de história e pessoa que gosta de brincar de historiador, às vezes paro e penso nisso, como a greve, apesar de na sua maioria ser uma ferramenta eficaz que conquistou diversos direitos trabalhistas, direitos que os docentes têm hoje e não apenas isso, para que servia a nossa greve? Com esses questionamentos e como a nossa escola nesse dia estaria parada sem nenhuma atividade de greve, resolvi chamar um colega professor da escola, o professor Carlos de Português.

Sentamos num café no centro e discutimos:

—Cara, o que aconteceu com a gente? — perguntei — A gente tem um piso nacional salarial e ele nunca foi devidamente pago, nosso plano de carreira é algo que até já foi esquecido e agora estamos aqui fazendo greve por uma conquista antiga que é ser pago em dia e não ser explorado pelo patrão. Até o estado quer agir como patrão privado agora.

—Meu, a crença na greve não existe, a classe professoral não acredita realmente em greve como uma ferramenta de luta, o nosso sindicato quer manter um balanço entre lutar contra o governo estadual ao mesmo tempo que defende totalmente o governo federal. Até a direção do sindicato hoje em dia vive para defender interesses partidários e não para defender as conquistas da classe. Não me espanta que a gente esteja em greve para ser PAGO EM DIA.

—Isso que é louco, a greve já permitiu tantas conquistas, desde as primeiras greves na revolução francesa ou associadas a esse período, já passamos do que era basicamente trabalho escravo na indústria a 8 horas, as professoras do início do século XX viviam coisa muito pior que temos hoje. Mas se depender do Sartori a gente corta todo gasto em educação, despede os professores e doutrina os alunos mandando eles verem a propaganda da globo que é o jornal nacional. — O sarcasmo era evidente na minha fala.

—Pois é o cara se puxa nas loucuras né meu. E ainda tem gente que acha que ele tá

fazendo um trabalho bom com a economia do RS. E coisa semelhante.

—O mais louco é a forma como ele foi eleito, a coisa foi ruim com a Ana Amélia, o Tarso não foi tão bom como tinha prometido. Então muita gente só elegeu o cara de forma acrítica. Para ver no que daria. Do jeito tipo, vai que melhora. - disse Carlos

—E piorou.

—Quero ver aonde a gente vai com isso, se, pelo menos, com greve e pressão popular conseguiremos algum avanço ou melhor se conseguiremos voltar pro retrocesso não tão ruim que tava antes.

Fui para casa pensando na porcaria que é ser professor no RS e sendo mal pago ainda por cima.

Dia 3 de greve (Quarta-feira). Reunião de professores da escola 1 (5 professores grevistas)

Bom dia pessoal— disse Kátia — para começar vamos nos lembrar que sexta-feira termina esta primeira paralisação então voltaremos a dar aulas porém sempre nos lembrando que o sistema de paralisação está funcionando em semanas alternadas, vamos seguindo o sistema do CPERS, apesar de eu pessoalmente não gostar muito dele.

—Creio que não há muitos de nós que sejamos fãs do sindicato na atual conjuntura, mas ainda é nossa única ferramenta legitimadora — disse Vicente.

— Temos basicamente três pautas nesta reunião — entrou Luísa no seu papel de mediadora — A primeira é se devemos ou não tentar convencer mais professores da nossa escola a entrar em greve e se sim, como? A segunda é quais deverão ser nossas atividades de greve, além de piquetar na assembleia legislativa, como devemos agir em relação à comunidade da nossa escola aqui. E por fim como a gente vai fazer quanto as nossas aulas?

— Acho que podemos tentar convencer mais professores sim — disse eu — mas no fim isso sempre será decisão deles e não devemos ser muito insistentes. Até porque vários simplesmente não acreditam na greve como ferramenta.

— E se chamarmos alguém do CPERS para vir falar com eles? É algo passível de ser feito? – perguntou Carlos

— Creio que não seria uma boa ideia — disse Kátia

—Pois é, o CPERS é muito mal visto, até por nós aqui e a direção atual não ajuda em

muito. — disse eu.

— Então acho que conversas sejam a melhor forma. A frustração é grande com o atual governo, talvez consigamos convencer alguém.—terminou Vicente.

— E quanto às nossas atividades como grevistas, temos que mostrar a população que a gente não é preguiçoso.— disse Luísa — Porém 5 pessoas apenas têm muito pouco que fazer. Os alunos continuarão indo nas aulas. A gente talvez possa tentar fazer debates, conversar com eles, explicar a greve e os direitos trabalhistas. Também devemos passar tempo em frente ao Piratini, mesmo se houver repressão policial.

— Além disso, há mais algo que se possa fazer? — perguntou Kátia

— Não sei, às vezes gostaria de re organizar a educação e aproveitar a liberdade da greve e dar aula sobre temas tabus da história, ditaduras, genocídio indígena. Coisas assim que a gente deveria poder se expressar para as crianças realmente conhecerem o mundo que vivemos.

— Pois é, dá vontade de falar de cenário geopolítico mundial atualmente, as vezes parece que a escola vive num mundo separado do resto. É quase como se ainda estivéssemos no século XIX.

— E ensinar ciências é tão estranho, às vezes me parece que elas e eles nem sequer conhecem os próprios corpos e a gente quer que eles saibam de todos os outros e sobre como funcionam conceitos tão abstratos como química e física de uma forma quase mágica, seria tão mais fácil mostrar química e física na prática para elas. Acho que mesmo depois da greve a gente tem que começar a se unir mais e a planejar as nossas aulas juntos. — disse Kátia.

— Incluindo todos os professores da escola, teríamos uma escola com um pensamento de planejamento diferente.

— Até podemos criar um sistema em que eles criem mais o seu conteúdo em todas as disciplinas e estudem um pouco mais por conta. E fazemos um sistema de avaliação conectado. Com os mesmos estilos de trabalho para elas e eles terem como sempre saber o que fazer. — disse eu.

Naquele momento percebi que a greve e a insatisfação não se resumia a apenas cansaço e se sentir desrespeitado mas é porque nós queríamos mesmo mudar alguma coisa, ensinar e ensinar bem não apenas passar conteúdo.

— E quanto às aulas que os nossos alunos não irão ter? Precisamos nos coordenar com

os nossos colegas que não estão de greve. — disse Luísa.

— Precisamos sim, vamos nos articular para garantir que os alunos não serão prejudicados e que mesmo que tenhamos que recuperar aula de tarde e aos sábados garantiremos que vamos cumprir o famoso calendário — disse Vicente.

— Isso, vamos para a outra sala dialogar com eles, precisamos ver como faremos. — Disse eu.

Na outra sala encontramos praticamente todo o corpo docente e a diretora, a Kátia como nossa porta-voz disse: Pessoal, precisamos resolver como faremos quanto à questão das aulas nas quais estaremos de greve.

Rapidamente a diretora Selma se manifestou: Não se preocupem com isso, nós cobriremos os vossos turnos quando necessário. Já debatemos isso e estamos de acordo que vocês estão no vosso direito de fazer greve, mesmo quem não acredita na greve como ferramenta entende ela como um instrumento democrático importante. Além do mais haverá alguns sábados que vocês terão que vir e isso já é castigo suficiente depois.

(Risadas)

— O.k., mas como funcionará? — perguntou Kátia.

— Como a escola continuará aberta, em alguns dias dependendo do horário que os alunos forem perder a gente pode liberar eles mais cedo ou eles terão aula com algum outro professor adiantando alguma outra matéria. A gente mantém um controle mínimo sobre isso.

— Acho que por nós ninguém se opõe. — disse Kátia.

— E quanto a nossa ideia de uma educação um pouco mais integrada? — perguntou Luísa

— Que ideia é essa? — perguntou Anabel

— A gente andou pensando em como melhorar a nossa forma de ensinar, de ajudar os alunos a relacionar os conteúdos que cada um de nós ensina.

— Parece interessante — rapidamente, quase acordando disse Léo — eu estou disposto, até porque ensinar matemática de forma interessante fica cada vez mais difícil com os anos passando.

— A nossa ideia era trabalhar com projetos interdisciplinares e ideias que ajudassem os alunos a pensar por si próprios e usar meio que um sistema de projeto semelhante para não confundir eles. Por exemplo: um projeto de história e de matemática podem não ter nada em comum em termos de conteúdo mas se a gente pedir estruturas semelhantes

fica mais fácil para eles de fazer e ir compreendendo como fazer algo desse tipo. — disse eu.

— Experimentar não faz mal, e é sempre bom trazer coisas novas para os alunos. E deixar eles trazerem coisas novas para a aula é ainda melhor — disse Kátia.

— Bem interessante, podemos começar a pensar coisas assim desde já e ver depois da greve. — disse eu.

Triiiiiiiiiiiiiiiiiiiiim

Era o apito para iniciar as aulas. Nós grevistas nos recolhemos para fora da escola. Fui pegar um ônibus para o centro, queria ver como estava a movimentação em frente ao Piratini e a Assembleia.

Frente do Piratini, Tarde, dia 3 de greve

Encontrei o Carlos logo na frente da barraca improvisada do “comando” de greve, não que houvesse realmente um comando, mas era assim que aquilo estava sendo chamado. Creio que mais um dos motivos para a greve ter sido tão estranha era também não ter sido eleito em nenhum momento um comando de greve. Entrei na conversa, que no momento se tratava sobre quais conquistas a greve conseguiria ter:

— No fundo a gente pode não conseguir nada, desde a eleição que o desrespeito por nós já foi demonstrado e continuamos sem receber piso, nem salário no dia certo. — Disse uma professora presente que eu não conhecia. — Eu já estou aposentada, mas acho um absurdo isso que estão fazendo, para não falar que o ataque à previdência pela direita já vem ocorrendo há alguns anos.

— Certamente, é muito absurdo toda esta situação, a cada momento vamos voltando para o século XIX quando os empregadores podiam fazer e desfazer como quem bem entende. O próprio estado que supostamente é nosso empregador e tem dever de nos proteger parece apenas mais um empregador como qualquer outro. — disse outra professora mais nova, com ar de recém-formada ali perto.

— Uma situação política e econômica caótica, um governador incompetente, um país com um eleitorado que sofre lavagem cerebral diariamente, me dou conta que a gente vive num filme do Monty Python. — me meti na conversa
(risadas gerais)

— Mas falando sério, nessa greve aos pedaços, com alunos tendo aula 2 dias ou 1 dia na semana, com um governo que nem sequer senta para conversar, tudo que nos falta é a

polícia começar a bater na gente que nem foi lá no Paraná. — disse Carlos
— Tudo isso e ainda ter que lidar com divisões internas dentro do nosso próprio sindicato. Nem a direção do CPERS quis bem essa greve, já estão bolados com a gente por termos nos separado da CUT no início do ano. — disse de novo a professora mais jovem.
— Acho que vou ali comer algo — disse Carlos — José, vamo lá?
— Vamo, vamo. Preciso falar de algo que não seja greve também.
— Ah sim, vão falar de jogo de certeza.

Dia 5 de “Greve” Aula de História (Sexta-feira)

Num dia em que não estávamos paralisados, fui dar uma aula de história num dos colégios em que dou aula, como já é costumeiro eu dei uma aula altamente virada para o papel da história no que vivemos hoje e como as coisas vão se repetindo.

Na aula:

— E ai pessoal? — disse eu — estão bem? Aproveitaram os dias de greve?
— Ahh professor, sabe como é, a gente tem que aproveitar e fazer mais uns turnos no trabalho também.
— Eu aproveitei para passar uns dias em casa, jogando no computador.
— Oh professor, qual é a dessa greve? Vocês querem me dar problemas, meu pai acha que to sacaneando ele.
— Calma, calma, a gente vai falar hoje sobre as greves e vamos tentar entender porque é importante, eu já vos falei algumas vezes mas hoje vamos ver a fundo, a origem das greves no mundo e no Brasil também. Vamos falar também porque é que a gente que ensina não é valorizado o suficiente nem para receber no dia.
— Ahh profe, senhor vai ficar reclamando do Sartori que nem faz na sala dos professores né??

(Risadas)

— Não não. Nada disso, vamos começar com o Egito hoje...
— Com o Egito? – perguntaram vários deles
— Sim, com o Egito, no tempo de construção das pirâmides, existia os que se chamavam de artesões da Necrópolis, num lugar chamado Deir-el-Medina durante o reino do faraó Ramsés III, para vocês se localizarem no tempo, isso foi a uns 3160 anos atrás, mais de 1000 anos antes de Jesus, houve uma grande crise econômica e como vocês conseguem ver pelo nosso exemplo, quando há crise econômica os primeiros a pagar, não é quem

recebe os maiores salários nem quem gasta mais do dinheiro do estado, são os trabalhadores, e esses artesãos não foram pagos, o que levou eles a pararem de trabalhar.

—Mas professor, como que tu sabe que isso realmente aconteceu?

—Boa pergunta, em 1950, encontraram lá no Egito, um papiro, vocês sabem o que é um papiro?

— Nãooooo!

—Pois bem, o papiro é onde os egípcios escreviam, onde a gente vê aquelas imagens (E desenhei para eles greve em hieróglifos egípcios para língua árabe) [14] . Nesses hieróglifos contava a história da primeira greve que houve.

—Que louco isso. E como os caras traduziram isso professor?

—Pessoal, aqueles desenhos que vocês veem na TV ou nos filmes do antigo Egito, sabem ?

—Siiiiim (Geral)

—Pois então, vários daqueles desenhos são letras e outros significam palavras inteiras, é algo que hoje nos chamamos de hieróglifos.

—QUÊ? —perguntaram vários deles.

—É só o nome que as pessoas deram. O que interessa é a história que contava baseada num diário de trabalhadores escultores que fizeram greve porque não recebiam alimentos suficientes, eles ficaram 18 dias sem comida devido a uma corrupção tão grande que existia no Egito na altura que roubavam toda comida que era para ser deles.

—Mas professor, porque eles não compravam comida?

—Naquela altura no Egito, o salário era em comida.

—E se eu tinha comida a mais?

—Podia trocar por outras coisas, tipo um escambo assim.

—Ta, mas e daí professor, esse pessoal tava passando fome?

—Tava, e nem podiam comprar outras comidas e outras coisas.

— E a greve ajudou?

— Depois de um mês, acabou ajudando sim, eles conseguiram a comida, até um aumento de salário e o ministro que tava roubando a comida deles foi preso até.

—Só preso professor?

—Creio que sim, o documento não ficou claro.

—É essa a história turma, vocês estão liberados, não vou ficar segurando vocês por muito tempo.

—Até quando professor?

—Não faço ideia. Acho que o Sartori é pior que os faraós. Mais teimoso.

—Sempre reclamando do Sartori esse profe José

(Fim da aula)

A greve se passou entre dias protestando, afirmações absurdas do Sartori e várias votações para saber se continuávamos com a greve. Sempre mantive o hábito de participar das assembleias para continuar as paralisações. Continuei sentindo nesse período um patrolamento e desmobilização por parte da direção do CPERS, a ausência de um comando de greve não ajudou também. Porém continuei votando pela continuação da greve e continuei crendo que só poderíamos terminar ela quando tivéssemos nossas demandas atendidas. Por uma questão simples pelo menos para mim: Nossas demandas eram apenas nossos direitos historicamente conquistados. E apenas isso.

Dia 30 de greve – assembleia para revotar a greve- pepsi on stage entrada

Me encontrei com Carlos, Vicente e Kátia na porta do Pepsi, estávamos prontos para uma reunião difícil. A direção do CPERS já indicava que preferia terminar a greve por diferentes motivos políticos não relacionados aos objetivos da greve. E ali nos encontrávamos nós.

—Então, é hoje que acaba a greve né? — disse Carlos com tom jocoso.

—Se depender da direção já teria acabado, não entendo as motivações deles. É todo fisiologismo político deles que me deixa enjoada às vezes. — disse Kátia

— Pois é, está cada vez mais difícil manter essa greve rolando, esse sistema de paralisação é um absurdo também. Eu paro sempre que for para parar, mas por mim a gente estaria parado sempre até termos todos direitos corretos — disse eu

— Pela milésima vez tu diz isso — disse Carlos rindo. — Não que tu não tenha razão, mas no momento não nos vejo parando por 4 anos até a próxima eleição para governador.

— Num mundo paralelo, a gente parando teria um efeito em toda sociedade, mas a gente vive em tempos estranhos. — disse eu

—Tempos em que docentes não são respeitados, não apenas isso, nenhum grevista é respeitado. Quando que a greve deixou de ser um direito e passou a ser um estorvo.

— Capitalismo, minha cara Kátia, eles nos vendem, e vendem nosso trabalho por

centavos e tudo que nós fazemos é agradecer, a mídia doutrina essa ideia de que o trabalho por si só é a recompensa. É uma grande vergonha. — disse eu, já chateado com a vida após esse último mês.

E veio a chamada para começar a reunião: PESSOAL, TODOS PARA DENTRO, VAMOS COMEÇAR A REUNIÃO PARA DECIDIR O QUE FAZER QUANTO ÀS PARALISAÇÕES!!

A reunião começou com os procedimentos habituais, discussão de pautas simples e organizacionais, após isso chegamos ao ponto principal, se queríamos ou não que a greve continuasse, com algumas manifestações autorizadas pois era muita gente que queria falar e a assembleia assumiu quase que uma natureza caótica, resumo em 2 casos do muito que foi dito naquela noite: O Caso a favor e o caso contra.

A favor: Simples, a gente não conseguiu nada, na verdade, nem sequer um lugar na mesa conseguimos, para que parar a greve se as coisas vão continuar na mesma, não vamos receber piso, vai ter salário parcelado na mesma, a única coisa que aconteceu foi percebermos que temos um governo estadual com diferenças irreconciliáveis com a classe pública servidora e que claramente há um interesse em sucatear o funcionalismo público. São tudo mais motivos para defendermos a nossa greve, até para escalarmos ela a um novo nível, o patrolamento da direção não pode nos impedir de conseguir de volta os direitos já conquistados por anos de luta. A greve deve continuar, ela existe como ferramenta legal para conseguirmos os direitos que merecemos e que a lei nos garante, não devemos nos exaustar em brigas internas e questões menores que não nos ajudam, eles querem nos dividir e estão conseguindo.

Contra: Para quê continuar uma greve se nem sequer conseguimos negociar, apenas estamos nos queimando perante a sociedade, para não falar que perdemos capital político numa época tremendamente sensível do cenário nacional, o estado se encontra realmente falido, o governador está fazendo o trabalho dele, se isso implica em parcelar os nossos salários devemos entender também, para não falar que não vemos motivos para sequer ter greve, a situação é ruim para todos, estamos só olhando para nossos umbigos e o nosso trabalho é ensinar, não interessa como esteja a situação temos uma responsabilidade para com pais e alunos, não queremos eles só em casa descansando. Queremos todos melhorar a situação, só não sabemos de que serve esta greve e principalmente este sistema de paralisações que também prejudica o planejamento e o aprendizado.

E chegou o momento da votação, e o que vi foi um golpe, um golpe de direção e interesses.

Votamos todos nós presentes naquela reunião. A verdade é que o sistema de votação para quem não conhece ele, não é claro. Nem um pouco. Não se presta a uma eleição clara. Um sistema de levantar as mãos nunca se presta. Principalmente quando há um contador tendencioso. A direção do CPERS nunca esteve realmente presente na greve, nunca houve interesse em manter ela, nunca entendi muito os porquês, eles são do PT, mas interesses governistas para mim pelo menos nunca foram claros, o que tinha ocorrido nas últimas reuniões era que as votações a favor da greve eram tão avassaladoras que não havia motivo para contar, nesse dia não foi o caso, e ainda assim o CPERS decidiu que havia sim uma maioria avassaladora contra a greve e que naquele momento deveríamos terminar ela. Foi no fim uma decisão arbitrária e nebulosa que em nada ajudou a motivação daqueles que antes acreditavam no sindicato como uma ferramenta útil e de organização de movimento e luta. E talvez foi essa a pior derrota de toda essa greve, a perda de fé que muita gente passou a ter no sindicato e no que podemos usar como ferramenta de luta. Mantenho que continuarei fazendo greve sempre que necessário, por uma questão de princípio. Mas hoje não creio mais nas pessoas que no momento afirmam liderar o movimento dos professores. E esse é meu relato, consequências da greve dariam mais um relato inteiro. E isso é estória para outro dia.

Capítulo 3-A Planejadora

Uma bela noite, Família inteira no sofá, Vendo jornal da noite

Âncora: O Governador Sartori anunciou esta manhã que os salários dos professores da rede estadual serão parcelados para o próximo mês, pois o estado não se encontra em condição de pagar o salário completo para estes. O CPERS já lançou indicativo de greve para a próxima assembleia a ser realizada na próxima sexta-feira.

—Como assim? — Disse eu — Ele não vai pagar? É um absurdo total isso.

— Mãe, isso quer dizer que ele vai entregar quanto dinheiro? —perguntou Filipe, meu filho mais novo.

— Não sei, ele nem anunciou ainda quantas parcelas vão ser, mas é um absurdo, o salário é um direito nosso. Já não basta todo desrespeito à classe funcional do estado nos últimos anos. Desde que esse cara entrou tem sido um absurdo total.

— Não acredito ainda que conseguiram eleger esse cara. — disse André, meu filho mais velho.

— Ah, mas eles vão ver, posso estar aposentada, mas isso não me impede de lutar e continuar dando aula nos cantos certos.

Dia seguinte, aula em cursinho popular para filhos de trabalhadores e operários

— Boa tarde pessoal, hoje vamos ter uma aula de sociologia mais histórica, digamos. — comecei assim a aula.

— Como assim professora?

— O que vocês sabem das greves aqui no RS? E da importância delas?

— Ahh professora, quase nada, a gente sabe que elas atrapalham o trabalho e o trânsito (Algumas risadas)

— Ok, tudo bem, vamos começar contigo, lê esse recorte aqui de jornal para nós.

— Ihh, professora, quê que é esse papel, parece mais véio que minha vó.

— Olha a data. — disse eu tentando contextualizar a pessoa

— Muito bem, vou ler esse papel véio, beeem véio. — começou — É da Gazeta Porto

Alegrense , 1870 é o ano, acho. “Procura-se professores de primeiras letras, necessário que sejam homens, cujo salário é só de 400 réis”. É isso professora?

— É isso, vamos lá então, primeira coisa que podemos ver aí o que é?

— O salário é baixo, o jornal já vem dizendo “só 400”.

— Isso já começa com a nossa primeira lição sobre o Brasil e a sociologia dele para hoje: Para as elites se manterem no poder, o primeiro passo sempre foi garantir que quem educar é mal pago e tem que trabalhar demais para ter uma vida decente.

— Mas é assim em todos lugares professora?

— Não, em diversos países europeus e asiáticos, a educação e por consequência os professores são muito mais valorizados.

— E no Brasil não é assim porquê prof?

— Por um conjunto de fatores, hoje e amanhã a gente vai ver alguns deles. Vamos começar com essa pergunta. Porquê o Brasil não valoriza a educação e por consequência os seus professores?

— Ahh, não sei professora, esse assunto tá meio difícil. A gente não é valorizado então?

— Porquê vocês acham que não são valorizados?

— A gente é os alunos, se não se valoriza a educação parece que nós que sofremos mais não?

— No fundo é isso mesmo, alunos, professores, nós pagamos a conta de um sistema que não quer que vocês se eduquem para ser cidadãos críticos e pró-ativos, a educação é montada para vocês serem duas coisas: consumidores e produtores que não questionam.

— É difícil isso professora.

— Pois é, e pensemos na história da educação brasileira, se desde quando o Brasil ainda era um país jovem o salário dos professores era baixo, isso já nos diz que a prioridade naquela época não era educar. Nem é agora. Tá, mas qual a importância da escola crítica? Mesmo a gente não tando numa escola agora.

— É importante pros alunos terem uma noção de que nem tudo que eles vêem e ouvem pode ser correto?! Será?

— Pode ser, se pensarmos que muito do que nós vemos vem da mídia, todos vemos jornais, TV, rádio e outras coisas como as nossas fontes de informação diária, então qual a origem dessas fontes? ... A mídia brasileira hoje é dominada por 6 famílias, que controla rádio, jornais, revistas, TV e até os principais sites de notícias nacionais. Isso implica que toda informação que recebemos em massa vem com um filtro de visão, estou sendo clara?

— Acho que sim, prof, a gente acha que tá vendo coisas diferentes, mas, no fundo, é tudo igual não é?

— Isso mesmo. Se pensarmos que tem sido assim desde que os europeus chegaram ao Brasil, com alguns grupos dominando toda narrativa, então podemos perceber porque a educação pública no Brasil, que quando começou era dedicada a ensinar aos “mulatos” e os filhos dos senhores iam para a Europa estudar enquanto os escravos não podiam nem aprender a ler. O que resultava e resulta até hoje numa escola que foca em ensinar para formar pessoas que trabalham para os senhores e não querem questionar em combinação com uma mídia doutrinadora de certas ideias que favorecem famílias ricas. Então, assim temos alunos desvalorizados desde o início, professores desvalorizados desde o início e toda uma ideia de educação focada para que os seres que participam dela sejam apenas peões na maquinaria muito mais importante para quem sempre regeu e ainda rege o Brasil.

— Tá, professora, e como nós chegamos a essa greve que os professores estão fazendo nas escolas?

— Muito bem, para isso precisamos entender o Rio Grande do Sul como um estado que emprega professores sim?

— Acho que sim profe. Os professores em greve são os estaduais né.

— Isso mesmo, aí temos a origem do nosso problema, o estado do RS legalmente tem a obrigação de fornecer parte do ensino fundamental e todo médio para os seus cidadãos, quem aqui estudou em escola estadual?

Quase todos levantaram os braços.

— Pois bem, temos escolas suficientes em Porto Alegre pra cobrir isso pelo menos. Claro que nem é assim no estado todo. Mas vamos assumir que todo estado tem escolas suficientes até no interior. Onde está o problema agora?... Sinceramente, o governador, o Sartori é uma ameaça a diversas liberdades e direitos que temos principalmente para os servidores públicos. Se começarmos em 1944, aqui no RS, se começou a discutir a realidade dos professores, com um centro que 5 anos depois virou o CPERS que vocês conhecem hoje, mas antes disso eles já tinham feito greve em 45. O papel do CPERS é importante pra greve e importante pra sociologia de uma greve, porque por mais que o CPERS tenha mudado muito e com cada direção ele tem mudado a sua posição podendo puxar junto e unir a categoria ou tentar ser mais governista, e o papel dele tem uma influência muito grande na forma como a gente atua como categoria, por mais que não se

queira o sindicato carrega e emprega legitimidade aos movimentos trabalhadores. No RS já houve diversas greves docentes e por diversos motivos, mas nunca algo como aquilo que vemos hoje, é uma provocação a nível fascista contra os funcionários públicos do estado, é tudo ideia para privatizar as escolas, porque segundo a ideia dele o melhor é sempre privatizar as coisas.

— Prof, e como vai ficar a situação agora que os professores não foram pagos?

—Olha, em princípio deverá haver greve, até quando não sei, pois no momento há diversos interesses e problemas em jogo, porém devo dizer que por mim, esta greve tem que continuar até garantirmos todos direitos que já conquistamos. Coisas simples como salário em dia e tal. Ok, pessoal. Por hoje é isso. Continuaremos na próxima aula com questões sobre os movimentos trabalhistas e a sociologia por trás dele nos tempos modernos.

— Ciao professora. Falou. Valeu pela aula.

Assembleia do CPERS, Mesmo dia durante a noite.

Fui na assembleia do CPERS nesse dia, era urgente na minha mente dialogar e discutir que posição iríamos assumir quanto a medida absurda tomada pelo Sartori, por mim era óbvio que posição deveríamos assumir por mais que uma decisão seja difícil, por mim estaríamos em greve a partir do momento que foi anunciado o parcelamento dos salários, porém não sabia como estava a situação do movimento para essa greve, a direção atual do CPERS parece mais preocupada em negociar um cenário nacional instável em vez daquilo que seria o melhor para a categoria o que torna difícil unir as pessoas em torno de uma decisão que em vários sentidos é impopular e carrega um peso e estresse geral para quem atuará e participar ativamente da greve. Além do mais no fundo, não queria chegar naquele ponto porém não via como podíamos sair de anos e anos de desrespeito, atuo como professora a 36 anos e nunca me senti tão desrespeitada quanto nesse governo, a ausência de diálogo e puro autoritarismo nas decisões, tomando o sacrifício que o povo deve fazer como garantido nos puxou a linha limite da nossa paciência como categoria e ainda assim a greve não era unânime, provavelmente um daqueles fenômenos só possíveis no Brasil. Ainda assim a reunião correu de forma pacífica, conseguimos num geral um consenso quanto a forma de greve, porém muito difícil de obter resultados em minha opinião. Pois no fim as paralisações periódicas me diziam uma coisa, a categoria professores do RS seria a primeira que desde os grandes movimentos sindicais iria não

receber seu salário por um mês e trabalhar no mês seguinte e muitos deles com mestria e vontade ainda. Por mim essa decisão mostra uma de duas coisas: Ou a gente ama demais o magistério e estaremos resignados a nunca ter nossos direitos ou a ausência de vontade pela luta está permeando pelos professores como categoria. Claro que provavelmente é uma mistura das duas coisas. Mas uma frase dessas é legal de escrever. Por fim ficou isso, uma greve funcionando aos solavancos e que tentaríamos fazer o melhor para conseguirmos um resultado tangível dela.

Frente do Piratini, Tarde, dia 3 de Greve

No terceiro dia de greve, haveria um piquete de greve em frente ao palácio Piratini, saí de casa após o almoço e me encontrei com algumas colegas professoras para irmos lá, Joana e Raquel.

— E então que contam da vida? — disse Joana

— Estou tentando enviar os guris para passar um tempo fora mas anda difícil, acho que vai ser bom para eles. — disse eu.

— Costuma ser, acho que um tempo noutra casa seja bom para eles e noutra país falando outra língua também. E com vocês? Como continua a carreira docente?

— Bom, a gente está tentando, o fórum dos professores estava já se articulando para melhorar a nossa situação, mas com essa greve agora vamos ver. O CPERS tomou toda legitimidade que temos para si. O que pode levar a algo organizado ou a mais uma desmovimentação.— disse Raquel

— Sim, as vezes não parece que temos todos um inimigo em comum, o nosso querido desgovernador. — disse eu

— Mas temos que ter esperança na nossa capacidade de lutarmos contra esse sistema e contra essas medidas absurdas. — enfatizou Joana.

(...)

Chegamos ao Piratini e já se encontravam algumas professoras jovens e alguns professores com aparência um pouco mais velha. Iniciamos uma conversa:

— Oi, tudo bom?

— Tudo tudo, já estamos organizando um protesto mais ativo para mais tarde.

— Que bom, precisamos deixar bem claro as nossas posições. — disse um professor calvo presente

— E não só, deixar claro, o quão antidemocrático tem sido este governo. — disse Joana

— Pois é, porém além de conseguirmos nossos salários, qual nosso objetivo com essa greve?

— Isso é uma questão ótima, sofremos com tantos problemas, desde uma crônica desvalorização cultural da nossa profissão até ao que no momento vemos que é uma priorização de privatização e desmonte do setor público por um governo disfarçadamente fascista. — disse eu tirando a socióloga da cartola.

— Sei lá, eu queria estar dando aula, gosto muito dos meus alunos, porém nesta situação está impossível. Além do mais não sei se o nosso papel e união como categoria poderão sair fortalecidos dessa greve. — disse uma professora jovem ali próxima a nós que estava organizando uns panfletos

— Pois é e será que o Gringo legal vai dar alguma bola pra gente? — perguntou mais um professor jovem

— No fundo a gente pode não conseguir nada com essa greve, desde a eleição que o desrespeito por nós já foi demonstrado e continuamos sem receber piso, nem salário no dia certo. — Falei eu. — Eu já estou aposentada, no entanto continuo ensinando e acho um absurdo isso que estão fazendo, para não falar que o ataque a previdência pela direita já vem ocorrendo a alguns anos.

— Certamente, é muito absurdo toda esta situação, a cada momento vamos voltando para o século XIX quando os empregadores podiam fazer e desfazer como quem bem entende. — voltou a falar a jovem que organizava os panfletos

— Uma situação política e econômica caótica, um governador incompetente, um país com um eleitorado que sofre lavagem cerebral diariamente, me dou conta que a gente vive num filme do Monty Python. — falou um professor recém-chegado, jovem mas com uma calvície já um pouco pronunciada.

(Algumas risadas)

— Falando sério, nessa nossa greve com aula em alguns dias e noutros não, e um governo truculento para negociar só nos falta a polícia virar-se para a truculência com a gente que nem foi no Paraná.

— Sem falar em todos nossos problemas internos, com o CPERS que se importa mais com a CUT e com um cenário nacional bizarro do que com a nossa luta imediata. Temos um monte de problemas — voltou a conversa a jovem com os panfletos.

— As vezes o foco absurdo na situação macro não nos permite ver o quanto a nível micro as pessoas podem ter problemas e estar sofrendo. — falou um professor de geografia que eu já conhecia de outras andanças.

— Acho que vamos indo Andi, tu vem junto? — perguntou Joana

— Venho sim, preciso preparar a próxima aula para o pessoal do EJA.

Dia 14 de Greve, Reunião Fórum dos Servidores

O Fórum dos servidores era um grupo de servidores estaduais, na sua maioria professores que coletivamente e sem uma liderança declarada se formou para ajudar a organizar ações e mobilizar outros servidores para o movimento contra as decisões tomadas pelo Governador José Ivo Sartori.

Fomos eu e a Raquel na reunião do fórum, estávamos tentando decidir que ações tomar para conseguirmos o que reivindicamos, evitar o sucateamento da escola pública e os planos já delineados das bancadas conservadoras da assembleia estadual para liberar a iniciativa privada dentro da escola pública. Era essa basicamente a pauta da reunião do dia.

— Bom dia a todos, são 18 horas, começamos a reunião como sempre determinando a mediação e quem realiza a ata. Voluntários?

— Posso ser eu para escrever a ata — disse uma jovem professora com cabelos encaracolados

— Eu posso mediar — disse outra jovem com cabelo liso e curto

— Muito bem, todos de acordo?

Siiim (Geral.)

— Ok, primeiro assunto na pauta quais ações tomaremos para conseguirmos resultados nesta greve? — começou a jovem de cabelos curtos

Algumas quantas mãos se levantaram, optei por ficar quieta.

— Pode falar o Giovanni

— Camaradas, a situação está crítica, não se trata apenas de recebermos parcelado, o desrespeito ao servidor público concursado tem sido patente neste governo, a priorização tem sido o aumento salarial de cargos de nomeação em detrimento de direitos nossos. Além do mais não tem havido negociação efetiva com o governo, não porque nós não tentamos mas porque eles não querem negociar nenhum termo que não seja um término imediato e sem mudanças da nossa greve. Acho isso um absurdo.

(Coro de vozes secundando a fala)

— Daniela, a tua fala vai de encontro?

— Sim, porque várias coisas que ele disse eu já planejava dizer, mas além disso tenho

uma proposta, devemos ocupar como servidores públicos coordenando todos setores, nós professoras e professores somos mais de 70% do funcionalismo público estadual, temos poder de voto e de convicção e não somos os únicos em situação absurda. A polícia e os técnicos ambientais não se encontram nada satisfeitos com a situação de parcelamento também...

— Mas ocupar é muito difícil... — interrompeu um professor mais velho

— Espera a tua vez Luís. Ela ainda não tinha terminado — rapidamente a mediadora pôs ordem na situação

— Como eu falava, podemos conseguir apoio geral de vários servidores, mas precisamos nos coordenar, vai envolver esforço sim, mas não podemos mais continuar nessa situação de greve aos soluços e negociações quase inexistentes.

— Argumentos a favor ou contra? — Uma quantidade significativa de mãos levanta — Quem for contra pode se manifestar primeiro.

Sobram aí umas 6 mãos no ar.

— Luís, apresente os argumentos

— Não sei se sou muito a favor, creio que devemos lutar sim porém a ocupação envolve esforço e possivelmente problemas com a sociedade como um todo. A greve em si já está desgastante o suficiente, passar para o que seria visto como uma escalção é difícil, envolve mais esforço e não sei se teremos pessoas suficientes participando para fazer uma ocupação da assembleia funcionar de forma forte.

Quase todos outros contrários expressaram sentimentos semelhantes.

Do lado favorável a ocupação foram levantados sentimentos de revolta com o governo e que se continuássemos no caminho atual o que acabaria por acontecer era uma reforma trabalhista que piorasse ainda mais a situação já precária do trabalhador rio-grandense. E isso sobre principalmente para nós professores.

Por fim a decisão tomada pelo fórum foi por levantar a viabilidade da ocupação com os movimentos em que cada um participava para saber se deveríamos ou não ocupar a assembleia, além disso a Daniela ficou encarregue de levar a possibilidade para os outros sindicatos estaduais.

Na pauta sobre como evitar o sucateamento da escola pública brasileira me manifestei que a política econômica e social do governo deve ser combatida pois esta é mais uma forma como os políticos estão tentando nos convencer que a privatização é a solução para a educação que é apenas mais uma forma de forçarem os trabalhadores e filhos dos

trabalhadores que já tem dificuldade para lidar com todo sistema capitalista a tomarem posições cada vez mais submissas, no fundo o objetivo era a manutenção do *status quo* e uma forma de limitar que as pessoas mais pobres tenham qualquer chance de estudar e participar de decisões de forma informada. Nada disso é o que temos hoje e é o que eles não querem ter e para isso farão de tudo para limitar o poder de influência dos professores para criar uma educação crítica. Devido a grande concordância em 2 horas conseguimos terminar a reunião e deu tempo de ir jantar na CB com algumas amigas para poder relaxar.

Dia 24 de Greve, Casa, Início da noite

Pelas 18 horas recebi uma chamada, um velho amigo dos tempos em que lutávamos contra a ditadura, ele hoje participa mais ativamente do CPERS; de nome Paulo

— Oi Andressa

— Oi Paulo

— Tudo bem? Olha só qual o plano do vosso fórum de servidores para o que está acontecendo nessa greve?

— Olha, a nossa ideia em princípio é de ocupar a assembleia legislativa, estamos a alguns dias coordenando com alguns outros servidores com esse propósito.

— Ahh, acho que vão ter alguns problemas quanto a isso...

— Como assim?

— Parece que a direção do CPERS vai negociar com o governo do estado uma solução para terminar a greve, no caso as paralisações né.

— Que tipo de solução?

— Nada de revolucionário, parece que só algumas ideias quanto aos recebimento dos salários para conter as ideias mais draconianas dele.

— Vai continuar o recebimento parcelado?

— Parece que sim. E o CPERS está pronto a chamar uma assembleia para daqui a 6, 7 dias já. Muita gente necessária para uma ocupação vai ficar esperando o resultado dessa assembleia.

— Sim, não duvido, porém, que vergonha essa direção que está aí, se diz de esquerda e de luta e vai pelas nossas costas negociar uma solução que não nos ajuda em muito.

— Concordo, porém precisamos entender que a direção tá ouvindo quem elegeu ela E muitos professores do interior não se sentem a vontade com essa greve.

- Não se sentem a vontade porque votaram nesse gringo ladrão.
- É possível, porém a direção atuou seguindo os desejos de diversos grupos de professores
- Veremos como será essa assembleia. Não sei ainda se posso participar porém irá muita gente contra esse tipo de decisão. Obrigado por me ligar Paulo, preciso falar com o resto do coletivo sobre isso.

Dia 30 – Noite Final da Greve – Pós Assembleia

Não fui na assembleia, após os últimos 6 dias com as negociações fajutas do CPERS e decisões e propostas para terminar a greve que não nos dariam nenhum resultado concreto para um mês de lutas e discussões cerradas entre nós.

Soube do resultado da assembleia pelo Facebook e pelo que entendi foi mais uma vergonha e uma desdemocracia berrante até no nosso sindicato. No fim o sindicato virou mais uma ferramenta que não representa o trabalhador. É apenas mais uma ferramenta do patrão para nos deixar com mais problemas. Claro que isso depende da direção, mas no momento atual é isso que nós temos. E isso me frustra e me desaponta, acabei escolhendo não participar da assembleia e me senti por um lado culpada por não participar, mas, por outro lado, aliviada por não presenciar a fase final de um golpe planejado nos melhores planos de luta dos professores do estado.

E com isso termino meu relato sobre esta situação.

Capítulo 4 – A Juventude

De volta a Porto Alegre – Domingo de noite

Na verdade, só vim a saber que era o dia 2 de greve depois, naquele momento estava voltando de um acampamento, aproveitando o meu primeiro descanso após um ano dando aula. E me disseram que estávamos em greve desde o dia anterior devido ao mais recente parcelamento absurdo do Sartori.

— Oi Giovana, que aconteceu? Vai ser uma greve a sério?

— Oi, Lari, o Sartori parcelou nossos salários, foi convocado um indicativo de greve e rapidamente decidiu-se por um sistema de paralisações na verdade, cada um com 3 dias.

— É o melhor que podem, segundo a direção. Eu não sei, tem um monte de interesses e a direção só está por lutar contra o governo estadual.

— Pois é, vamo ver como vai ser. Acho que a gente precisa paralisar de qualquer forma que seja, porque esse terrorismo do Sartori não pode continuar.

— Sim, amanhã vamos nos encontrar os professores todos da escola e decidir isso, tu sabe como é aquela escola, ela nunca chegou a fechar e temos que ver quanto de insatisfação existe. E no final da semana, lá pra quinta ou sexta tem reunião do 39 para decidirmos como atuaremos em relação a essa greve.

O 39 é o conselho regional de professores da Zona Sul de Porto Alegre, cada região do estado tem um, o da Zona Norte é o 38 por exemplo.

Após a chamada com a Giovana, fui descansar após o acampamento pois o dia seguinte seria um dia longo na escola com muitos assuntos, mesmo estando em greve eu planejava estar na escola para participar e mobilizar professores e alunos.

Segunda de manhã, Escola, Sala dos professores.

Bom dia a todos — disse a diretora Cláudia. — Vamos começar essa reunião? Qual a vossa situação? São todos grevistas?

— Grevista não seria bem o termo — começou a supervisora Joana — a gente acha que

deveríamos pelo menos nessa primeira semana paralisar junto com os outros professores e...

— Pois bem, todo mundo tá achando isso?! — elevou a voz a diretora
(burburinho no fundo)

— Eu acho que a gente deveria conversar com calma — disse eu — tem um monte de gente que ainda não decidiu bem o que quer...

— Pois é, eu acho isso de greve algo interessante, principalmente para lidar com esse gringo aí — disse a professora Mariana, que ensina para as séries iniciais a uns 30 anos já.

(burburinho continuado)

Muitas vozes falando ao mesmo tempo, porém dava para ver claramente que havia uma possibilidade de a escola nem sequer abrir a partir de amanhã com a paralisação.

— Muito bem, se é assim que todos querem, acho que podemos seguir essa primeira paralisação, mas ainda assim, temos que sempre ir nos reunindo e ir tomando as nossas próprias decisões. Confiar no CPERS não é opção.

— Diego, como vão as reuniões no 39?

— Bem movimentadas, não estou indo nas reuniões do CPERS a um tempo, mas no 39 costumo ir e o pessoal está bem por se auto-organizar e realizar a sua greve independente do CPERS e eu por enquanto concordo com eles, precisamos ver como funcionaremos. E tudo o mais.

— Muito bem então amanhã a nossa escola se encontra fechada. — disse a diretora. — Podemos ir para casa então e voltamos na próxima semana?

— Como assim? — disse a professora de artes, Mia — temos que estar aqui, precisamos fazer dessa greve um evento de educação, algo que vai além das ideias de que greve é para ficar em casa e coisa de preguiçosos, nós queremos condições melhores de trabalho e queremos ser respeitados, para isso precisamos mostrar a comunidade que estamos aqui para lutar, não descansar.

— Isso mesmo — reiterou Joana. — vamos lutar e fazer participação ativa nessa greve. Principalmente com a nossa comunidade.

Nesse dia foi o fim das atividades sobre a greve, ainda demos aula mas estávamos cientes que no dia seguinte a escola funcionaria num regime de atividades diferentes e abertas a todos membros do entorno e não só aos alunos. Para mim e para Mia era uma oportunidade de ensinar de formas novas e dar aula em ambientes diferentes.

Dia 3 de Greve – Quarta-Feira – Frente do Piratini

Eu e a Mia chegamos cedo naquela manhã no Piratini, queríamos organizar um pouco a tenda que se encontrava montada lá. Chegamos e começamos a ajudar enquanto conversávamos nós duas sobre a escola e nossos planos

— Tu não queres ser a diretora no próximo ano mesmo?—perguntei eu

— Não, Che, é muito trabalho e estresse por 400 reais a mais, pra não falar que a Cláudia é muito apegada ao lugar né. Não tá valendo campanha e estresse pessoal sendo que ela não tá muito longe da aposentadoria.

— Pois é, não tá valendo.

Foram chegando e passando diversas professoras e professores pela banca, alguns ajudavam, outros vinham conversar e alguns vinham dar uns gritos no megafone, uma terapia interessante.

Após algum tempo estávamos apenas nós e um professor mais velho quando chegaram duas professoras loiras de meia idade conversando amigavelmente, uma delas vinha fumando um cigarro e conversavam animadamente.

(Ao fundo ouvindo-se baixinho)

— Precisamos organizar bem... se quisermos ocupar...

— Sim, sim, mas temos um tempinho

—Oi, tudo bom?

— Tudo tudo, já estamos organizando um protesto mais ativo para mais tarde. — disse Mia, cumprimentando as duas alegremente

— Que bom, precisamos deixar bem claro as nossas posições. — disse o nosso companheiro desde a manhã

— E não só, deixar claro, o quão antidemocrático tem sido este governo. — disse a professora que estava sem cigarro

— Pois é, porém além de conseguirmos nossos salários, qual nosso objetivo com essa greve? — perguntei eu que já começava a me sentir perdida com algumas coisas

— Isso é uma questão ótima, sofremos com tantos problemas, desde uma crônica desvalorização cultural da nossa profissão até ao que no momento vemos que é uma priorização de privatização e desmonte do setor público por um governo fascista. — disse a professora loira apagando o cigarro e sorrindo para mim.

— Sei lá, eu queria dar aula, gosto muito dos meus alunos, porém nesta situação está impossível. Além do mais não sei se o nosso papel e união como categoria poderão sair

fortalecidos dessa greve. — disse outra professora que tinha chegado a pouco e tinha desaparecido para arrumar uns panfletos

— Pois é e será que o Gringo vai dar alguma pra gente? — E do nada começava a chegar gente...mais um cara com aparência de professor chegava

— No fundo a gente pode não conseguir nada com essa greve, desde a eleição que o desrespeito por nós já foi demonstrado e continuamos sem receber piso, nem salário. — voltou a falar a professora loira. — Eu já estou aposentada, no entanto continuo ensinando e acho um absurdo isso tudo, para não falar que o ataque a previdência pela direita já vem ocorrendo a alguns anos de forma absurda.

— Certamente, é muito absurdo toda esta situação, a cada momento vamos voltando para o século XIX quando os empregadores podiam fazer e desfazer como quem bem entende. — falou de novo a moça ali dentro.

— Uma situação política e econômica caótica, um governador incompetente, um país com um eleitorado que sofre lavagem cerebral diariamente, me dou conta que a gente vive num filme do Monty Python. — chegou um cara com uns 30 anos que estava claramente com uma raiva especial pelo Sartori

(Algumas risadas)

— Sério, nessa nossa greve pingada, e um governo truculento para negociar só nos falta a polícia virar-se para a truculência com a gente que nem foi no Paraná. — continuou ele

— Sem falar em todos nossos problemas internos, com o CPERS que se importa mais com a CUT e com um cenário nacional bizarro do que com a nossa luta imediata. Temos um monte de problemas — falou de novo a nossa amiga dos panfletos.

– As vezes o foco absurdo na situação macro não nos permite ver o quanto a nível micro as pessoas podem ter problemas e sofrer. – falou outro professor mais velho.

A conversa continuou um pouco mais, nós continuamos ali pela tarde inteira, nos meus pensamentos começava a me revirar com a situação em que me encontrava, não sou uma pessoa de participar assim fortemente e comecei a repensar como faria minha atuação nessa greve, não queria ficar em casa. Porém queria que houvesse mudanças palpáveis de qualquer forma. E para isso eu queria trabalhar com a minha comunidade, mudando as pessoas na minha volta muita coisa pode mudar.

Dia 19 de Greve – Sexta-Feira de manhã – Escola.

Até aquele momento a greve tinha sido um exercício interessante, me foquei muito em ações ali, comecei a participar das reuniões do 39 junto com o Diego, nos primeiros dias

eramos diversos professores, várias das professoras mais velhas se juntaram a nós — Nunca participei de uma greve — lembro da Jéssica, uma das professoras mais antigas, dizendo.

— Pois é, é tão interessante, é uma coisa diferente. — dizia a Mariana.

Lembrando disso, me parecia um pouco como se fosse a greve um novo evento social, por um lado era bom ter aquele apoio delas e eram pessoas que historicamente nem lidavam com o CPERS ou com a ideia do movimento, qualquer movimento. Por outro lado eu pensava e pensava em como em alguns dias ou semanas a novidade passa e o cansaço que nos marca começa a dominar e reduz nossas vontades de reagir permitindo cada vez mais absurdos.

Como professoras temos papel essencial em formar gerações novas e ideias novas mas enquanto isso tem tanto com o qual lutamos que as vezes o cansaço toma conta. Enquanto pensava nisso, cheguei na escola e ouvi gritos...

— EU QUERO SABER QUEM SÃO... — dava para ouvir a Cláudia gritando com alguém.

— Cláudia, eu não posso dar essa informação — chegando mais perto percebi que era o Diego o alvo, achei que os alunos tinham aprontado alguma.

Se alguém está se perguntando como assim os alunos aprontarem algo em greve, pois bem, a escola fechou na primeira paralisação, depois a motivação de greve sobrou para algumas poucas pessoas e foi tudo gradualmente voltando ao normal, naquele dia eu vinha como grevista e não professora.

Voltando ao bafafá...

— A Secretária de Educação pediu esses nomes Diego, eu preciso duma lista do representante para passar para eles. — falou Cláudia ainda exaltada.

— Não, não...isso não posso fazer.

— E nem deve — cheguei na sala brava.

— Ahh, é a senhorita grevista que quer tomar meu lugar...

— Como assim? Não quero lugar de ninguém...

— Ah mas quer sim, que eu seii.

— Quero nada, eu vim hoje fazer uma atividade de greve com os alunos, vocês podem desistir e voltar a aceitar esses absurdos que o Sartori aplica mas eu continuo enquanto tiver luta.

— Aii a menina lutadora, esse cargo é meu, eu que sei como fazer o melhor para esta escola, tenho experiência de gestão já. Vocês só acham que sabem das coisas com a vossa juventude e arrogância.

— Ai que exagero, nenhuma de nós — me referia as professoras jovens — quer o seu cargo. Ninguém quer explodir o seu ego frágil.

(owwww) ouviu-se baixinho na voz do Diego e da Lilian, outra professora jovem recém-formada e recém-chegada ao barraco.

— Olhe aqui jovenzinha, eu sei que você e aquela professorinha ruim de arte tem um conluio contra mim e eu quero o nome de vocês para passar para a Secretária sim.

— Nem pensar, a gente sabe muito bem qual o plano do Sartori de nos cortar o ponto. Não vai acontecer isso, a nossa greve é de direito e constitucional.

— Ai minha jovem, eu estou cansada dessas vossas coisas, eu quero essa lista.

— Não vai ter, certo Diego??

— Não vai ter mesmo, não é assim que vamos funcionar nesta escola. — reforçou Diego.

— Pois bem jovenzinha, lhe digo, só não te mato porque não sou uma criminosa.

No momento, acho que ninguém soube bem como reagir a aquela frase. Pareceu um escalafão exagerado na discussão, mas a raiva emanando dela assustava em certos pontos. No fim consegui responder:

— Eu vou reportar a senhora. Isso é ameaça de morte e pelo que me lembro é crime.

— Pois bem, pode ir, só espero não ver mais a sua cara nesta escola. — ela ameaçou de novo enquanto eu começava a me afastar da pessoa.

No mesmo dia fui a delegacia, fiz o BO em relação a situação e voltei para casa pensando se eu queria ter que lidar com aquela situação na minha vida.

E sim, valia a pena, os alunos e as aulas e o ato de ensinar valia a pena o resto. E eu estava disposta a lutar por eles e por condições melhores de trabalho e não deixaria uma ameaça me fazer desistir.

Dia 22 de Greve – Início da manhã – Escola

Cheguei pela manhã, com o mediador do CPERS, de nome Shakil, um homem gigante, 2 metros de altura e com um porte forte, e entramos na escola. A Cláudia pareceu assustada, achando que eu tinha trazido ele como “resolvedor” de conflitos. Na verdade, ele veio como representante do sindicato, pois tive que ir na SEC, no CPERS e fazer um BO no fim das contas, apesar do susto que era o personagem mediador, consegui

convencer a Cláudia a sentar e a conversarmos sobre a nossa relação e tentarmos melhorar ela.

— Cláudia, eu sei que a gente não começou da melhor forma, eu sou nova aqui como professora, mas eu estou aqui para ensinar e a longo prazo, então o melhor é começarmos a aprender a nos tolerar.

— Muito bem Larissa, se é assim podemos dialogar, mas acredito até que te devo um pedido de desculpa pelo meu estado de exaltação na sexta. Assim podemos começar vendo como chegamos a esse ponto...

Por algumas horas conversamos sobre muitas coisas, limpamos problemas e ideias e princípios foram esclarecidos, não resolvemos tudo no dia, mas um início de diálogo e processo de cura foram iniciados.

Dia 26 de Greve – Final da tarde – Reunião do 39

Desde o início das paralisações, comecei a ir junto com o Diego nas reuniões do 39, ele é um duplo servidor público, sendo polícia civil e professor, o que deixava ele com bem pouco tempo para as reuniões mas nos últimos tempos participávamos das reuniões junto, no início da greve mais gente da escola havia participado, dessa vez até a Mia achava melhor não participar, ficando apenas nós dois na reunião do 39, diferente da reunião da escola, as reuniões do 39 tinham uma ordem e paciência e um respeito pela fala. A tendência do conselho era de ser mais combativo que a direção do CPERS, principalmente em relação ao governo federal. Ainda assim, havia a pessoa que conhecíamos como a grande líder do 39, ela tinha sido parte de uma antiga direção do sindicato, a Francesca. Em diversos sentidos ela ainda detinha a última palavra no 39.

Algumas falas foram marcantes como de um professor com aparência desgastada:

— Esta greve tem nos desgastado a todos, quase todos aqui neste lugar concordaram que greve pingada não era uma boa ideia, ainda assim fizemos, organizamos uma ocupação e nos sacanearam essa ideia quando foram negociar por trás das nossas costas, hoje o CPERS chama assembleia para saber se aceitamos a negociação deles com o governo, pois bem eu digo não aceito e votarei contra essa ideia.

Outro professor trouxe outra visão: Não estamos motivados, não estamos unidos como categoria, os professores do interior na sua maioria não querem esta greve em situação nenhuma, a gente precisa se retrair um pouco, trazer uma visão nova para os nossos alunos e para a nossa discussão, nos organizar, fazer movimento de base, ainda temos tempo antes que tudo descale. Precisamos nos movimentar e reorganizar e greves

são momentos que desgastam e nos separam uns dos outros. Precisamos nos unir para lutarmos melhor.

Mas como sempre no 39 a opinião que prevaleceu foi a da Francesca:

— Pessoal, é o seguinte o CPERS está brincando com a gente, o Sartori está brincando com a gente, a luta é agora, precisamos nos manter em greve, precisamos sim escalar a situação e bloquear essa negociação. O plano é manter a greve, aumentar os dias de greve, não chegou a mim esse projeto de ocupação então não sei qual a ideia por trás. Por mim votamos por manter a greve, nós ainda somos a grande maioria dos professores do estado (por nós ela dizia os professores das redes urbanas) e se queremos realmente lutar devemos votar pela continuação da greve.

Por mais que alguns não quisessem a opinião da Francesca quase sempre era tomada como gospel por muitos, no fim foi essa decisão para o 39 e era a posição que tentaríamos levar em massa para a assembleia no Pepsi daqui a alguns dias.

Dia 30 de Greve – Assembleia do CPERS – Início da Noite.

Cheguei razoavelmente cedo, já havia uma fila ainda assim e muita gente conversando. Estranhei logo de início estarem montando um telão na área de entrada, encontrei uma amiga, Bel, óculos de armação vermelha, cabelo comprido e sorrindo, parecia de certa forma aliviada.

— Oi — disse ela — pronta para continuar lutando?

— Desde sempre, já na faculdade lutávamos, não vai ser agora que vamos parar, só precisamos pensar qual a melhor forma de fazer isso.

— Pois é, em princípio quero continuar em greve, mas admito que já tou cansada e não sei se tem muito efeito.

— Pois é, a lavagem cerebral feita na sociedade tá deixando a coisa cada vez mais difícil e só parece que vai piorando.

Chegou a hora de entrar, começaram a entrar aos poucos as pessoas, como sempre havia lá a segurança mas eles pareciam mais ativos que o normal. Em um certo momento com já grande parte da multidão dentro do Pepsi e nós já conseguindo ver a entrada eles começaram a fechar a porta e a avisar que estava cheio demais lá dentro. E comecei a entender, eles já tinham planejado assim, um lugar que pudesse encher rápido, na altura nem pensei mas hoje se penso nisso posso dizer que talvez tenha havido algum plano por parte da direção, o resultado desse dia me faz suspeitar mesmo sem saber nada em

concreto. Ainda assim no dia acabamos assistindo ali pelo telão, já tinha me deslocado da zona sul até ali quase ao aeroporto então ficamos assistindo. Vi as discussões, os argumentos e a votação e o momento mais bizarro pois pra mim a votação tinha sido clara, a greve continuaria, lá dentro parecia haver polêmica, alguns clamavam por uma contagem dos crachás, outros por uma decisão para cada um dos lados, no fim a direção declarou a greve por encerrada e dessa mesma forma encerro meu relato, autoritariamente e sem querer refletir sobre o exercício no momento.

Capítulo 5 – *Ego mortem*

— Como dividimos a conta?

— Esperem um pouco, preciso ir ao banheiro.

— Ok (Geral)

Me dirigindo ao banheiro pensava primeiro eu tudo que tínhamos lido, sentei no vaso e comecei a pensar: No fundo o exercício do direito a greve é culturalmente desvalorizado na nossa sociedade moderna, aquelas pessoas tinham todo seu direito a terem feito greve e não ter havido uma resolução satisfatória era frustrante pelo menos para mim. No fundo havia diversos lugares aonde podia se atribuir a culpa, começando pela eleição do que era claramente um governo que não tinha interesse em participar de negociações com qualquer tipo de trabalhadores, para os professores aquela que é provavelmente a posição mais importante da sociedade como um todo, pela sua importância formativa em todos setores da sociedade, uma profissão que em muitos países é desvalorizada economicamente e culturalmente e no exemplo que vimos era de novo um exemplo disso, um conjunto de desvalorização cultural com um governo desinteressado em tratar bem seu funcionalismo e uma sociedade mais interessada em que as crianças estejam na escola sendo ensinadas por alguém do que realmente um interesse na formação destas crianças, com isto tudo senti que a sociedade ocidental como um todo, claro que com algumas exceções, precisa melhorar muito o seu sistema escolar.

Após esta reflexão profunda no vaso, voltei a mesa:

— Pessoal, enquanto o Patrice calcula como vamos dividir a conta, tenho algumas coisas a dizer sobre a nossa discussão... Em primeiro lugar gostaria de agradecer a todos pela ajuda em entender esta situação, é algo que posso utilizar para começar o processo de construção de um sindicato ou grupo de professores com objetivo de melhorar as condições de trabalho e também o sistema escolar. Quanto a situação que estudamos precisamos entender os problemas históricos e culturais que se relacionam com o estado do Brasil que estudamos. Pois para entender a situação precisamos saber que o contexto histórico não sendo o mesmo e nós temos outra cultura então precisamos saber como atuar e criar para o nosso contexto.

— Muito bem pensado jovem, como alguém que viveu essa época, digo, nunca tive muitas oportunidades de estudar uma perspectiva da América Latina quanto a greves e

educação, é uma situação diferente e conhecer o histórico nos permite ver o quanto a influência histórica de um estado violento pode mudar a forma de atuação e luta das pessoas. Por mim desta situação tiro o aprendizado que em muitos sentidos é preciso união e ao mesmo tempo é preciso um esforço para que a união seja criada não pode ser forçada a quem pertence a categoria. A noção de pertença a uma categoria é algo a ser construído, não impingido aos seus membros.

— Isso mesmo, não apenas isso mas também é preciso entender o papel importantíssimo que um sindicato pode ter, ele funciona como uma liderança e mobilizador dos membros da classe, quando um sindicato se mostra indiferente ou indeciso o que temos é um problema muito grave pois ele confere muitas vezes uma autoridade aos movimentos que precisamos ou aceitar como válida e utilizar ela para melhorar a situação da classe ou precisamos desconstruir ela e criar um movimento da classe que vise essas melhorias se a liderança do sindicato se mostrar inapta ou sem vontade para isso.

– Por fim, quando pensamos em docentes de escolas precisamos saber que são uma das classes trabalhadoras mais importantes e precisamos valorizar todo o trabalho que se envolve na preparação de uma aula e de um momento como esse, o tempo de trabalho das e dos docentes não se limita ao tempo em sala de aula e quanto mais o discurso for nesse sentido cada vez teremos uma despriorização da educação que leva a uma precarização do pensamento e da ciência que são essenciais para a formação de ideias novas sobre como o mundo deveria ser.

Patrice voltou com a conta paga, entregando o troco a quem tinha que ser entregue e perguntou:

— Alguém vai para a região do Polana Cimento? Vou chamar o táxi devido ao avançado da hora.

Funmilayo e Nelson acenaram que iriam junto. Samora apenas disse que ia para a região do conselho municipal de Txopela que era um pouco mais barato.

Eu decidi ir a pé...

Quando saímos, me despedi dos meus colegas e comecei a minha caminhada, caminhando pela 24 de Julho, de repente ouvi dois barulhos altos, já suspeitei que pudessem ser tiros quando de repente senti minha camisa molhada olhei para baixo e percebi que uma bala tinha me acertado bem no meio do peito. Caí.

Epílogo

Oi de novo, espero que tenha estado do seu agrado a leitura.

Se me perguntar o que significa o final desta leitura digo-lhe, representa para mim a minha forma de mostrar que estou pronto a deixar para trás o meu ego universitário (Uso ego no sentido original da palavra) e começar a construir meu ego professor e biólogo e para isso era preciso deixar ele morrer. A morte do personagem pode parecer brusca para si pois em nenhum momento menciono violência nas ruas ao longo do livro, porém fui inserido aos poucos comentários sobre a realidade moçambicana, a morte do personagem principal foi o toque final e aproveitei também como forma de fazer uma formatura diferente. Então não se preocupe, não estou desistindo de nada, apenas quis mostrar algumas situações prováveis de acontecer numa noite em Maputo ao mesmo tempo que contei sobre uma greve com situações altamente improváveis.

Sobre as falas não identificadas ao longo do texto, isso foi feito de propósito, algumas vezes a identidade era óbvia. Em outras a identidade não importava, importava mais que você leitor desse aquela fala a pessoa que você achava que encaixava melhor com a fala, com base nas descrições que fiz. Creio que agora fica tudo claro que não ficou claro. O que não ficou talvez tenha sido de propósito, talvez tenha deixado assim para aguçar sua curiosidade.

Agradeço a sua paciência com um livro amador de um jovem de 24 anos com muito pouca experiência contando histórias.

Abraços

Bibliografia

- 1-BRASIL. **Conheça a história do direito de greve no Brasil: História das Greves**; Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/ADMINISTRACAO-PUBLICA/150831-CONHECA-A-HISTORIA-DO-DIREITO-DE-GREVE-NO-BRASIL.html>> Acesso em: 05/12/2016
- 2- VICENTINI, P.P. ; GALLEGGO, R.C.; SILVA, V.B. ; **História da Educação no Brasil Aula 26: As greves dos professores**. [video aula do youtube] ; São Paulo, Universidade Virtual do Estado de SP, 2014, digital, 22 minutos e 47 segundos, Som Estéreo ; Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ONYD7WZnxZY>> Acesso em 05/12/2016
- 3- JENKINS, M; **The general strike of 1842** ; Glasgow ; Editora não disponível; 2016; 296 pp ; Disponível em <<http://libcom.org/history/general-strike-1842-0>> Acesso em 05/12/2016
- 4- BURGIS, T; **A Pilhagem de África**; Amadora; Editora Vogais ; Maio de 2015; 397 pp.
- 5-MARCUSE, H. ;**Marxism, Revolution and Utopia: Collected Papers of Herbert Marcuse**. Vol. 6. Editora: Routledge, 2014.;
- 6- KOUSSER, J. M. ; **Jim Crow Laws** in Dictionary of American History, 2003 , vol. 4, 479-480PP.
- 8-KURITZ, H. ; **Ira Steward and the Eight Hour Day** in Science & Society, 1956 ,118-134.
- 9-FONER, P. S.; **May day: a short history of the international workers' holiday, 1886-1986**. 1986, International Publishers Co. 186pp.
- 10-RIBEIRO, P. R. M. **História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 4, p. 15-30, Julho de 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1993000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05/12/2016
- 11- Ribeiro, M. L. S. ; **História da educação brasileira: a organização escolar**. Autores Associados, 2001.
- 12- LUGLI, R. G. ; VICENTINI, P.P. ; GALLEGGO, R.C.; SILVA, V.B. ; **História da Educação no Brasil Aula 25: O Sindicalismo docente**. [video aula do youtube] ; São Paulo, Universidade Virtual do Estado de SP, 2014, digital, 20 minutos e 23 segundos, Som Estéreo; Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BOC4ruapvgA>> Acesso em 05/12/2016

13- CPERS ; **Histórico das Greves do CPERS/Sindicato** ; Disponível em
<<http://cpers.com.br/greves/>>

14- GROLL, S. I. ; **Studies in Egyptology**, Tradução de: FRANDSEN, P. J. *in* **Editing Reality: The Turin Strike Papyrus**; Vol.1, Jerusalem; 1990, Magnes Press, Hebrew University; Disponível em
<http://www.reshafim.org.il/ad/egypt/texts/turin_strike_papyrus.htm> Acesso em
05/12/2016

Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – COMISSÃO DE
GRADUAÇÃO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido**

Eu, Moshin Jamú Sidi, acadêmico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, solicito autorização para o uso das tuas respostas à entrevista, cujo áudio será gravado. Tua participação é essencial ao desenvolvimento da pesquisa que resultará no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “**Greves e Movimentos Sociais: Uma história contada por educadoras e educadores**”, sob orientação do Prof. Luciano Bedin da Costa da Faculdade de Educação, desta Universidade. Este trabalho tem como objetivos informar as pessoas de forma lúdica sobre os eventos da greve estadual dos professores e avaliar as causas e consequências desta num panorama da educação no estado. Tua colaboração como docente nessa pesquisa é de singular importância. Estou à disposição para elucidar quaisquer dúvidas que possam surgir quanto a esta pesquisa, pessoalmente, ou pelo endereço eletrônico moshinsidi19@gmail.com.

Assinando este termo, saliento que teus dados pessoais e/ou acadêmicos serão mantidos em sigilo, em conformidade com os valores éticos deste tipo de trabalho, prezando pela segurança de todos os envolvidos nessa pesquisa.

Porto Alegre, DD/MM/AAAA

Autorizo. _____

Moshin Jamú
Sidi

Nome

Assinatura ou rubrica

Anexo 2: Roteiro de Entrevista

Roteiro para entrevista sobre Greve e Movimentos Sociais dos professores

Perfil dos entrevistados

A. Criação

- a. Morava com os pais? Pais ativos politicamente?
- b. Praticava esportes? Tinha acesso a eventos culturais? (o ambiente era enriquecido para o aprendizado/desenvolvimento)
- c. Data de nascimento
- d. Local de nascimento

B. Ideologia política

- a. Se identifica com algum tipo de política ou ideologia?
- b. te sente parte de algum grupo?
- c. faz parte de algum grupo, coletivo, partido, sindicato etc? (de debate)

C. Formação

- a. ensino básico: pública/privada?
- b. ensino superior: pública/privada?
- c. formação continuada?
- d. especialização?

D. Trabalho

- a. Há quanto tempo leciona?
- b. Em quantas escolas? (públicas ou privadas)
- c. Tem outro emprego?

Sobre as greves, movimentos sociais e o possível engajamento dos atores

- O que entendes por greve? Como entendes o início de uma greve e as suas atividades?
- A insatisfação dos professores vem de onde? De quando?
- Como foi organizado o movimento? Houve lideranças?
- Qual a relevância do movimento para ti? Porque se envolver?
- O movimento foi unido ou segregado? Houve contra movimento?
- O que significa para ti ter havido essa união entre os profs. Se houve união

- Queria ver primeiro como os professores veem o histórico de greve no mundo e no RS, se sabem que existe, ou se foi um movimento mais orgânico que teve...
- Há quanto tempo que havia esse sentimento de fazer alguma coisa? (certamente não foi só com o governo de agora)
- Como começou o movimento, foi organizado nas assembleias do sindicato, ou não? por que surgiu?

- Como eram tomadas as decisões, havia pressão por parte das direções do sindicato?
- As pessoas se sentiam parte do movimento?
- A luta era de quem?
- Por que o professor está lecionando? qual é o incentivo dele? o que leva a ele parar de lecionar para aderir a uma greve? isso prejudica os alunos?
- Por que o movimento perdeu força? (causas)
- Terias continuado em greve?
- Quais foram os saldos positivos e negativo da greve? resultados?

